Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



2.ª SERIE—N.º 9—PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS—LISBOA, 6 DE JANEIRO DE 1941—PREÇO: 1$50

as estreias do Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHES CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA ANTES DE QUALQUER CINEMA

A RADIO-FILMES
apresentam
«O OUTRO»
(They knew what they wanted)

Dirigida por *Garson Kanin*
Produção de *Erich Pommer*
Adaptação de *Robert Ardrey* da obra
de *Sidney Howard*

Personagens:

Any Peters .... CAROLE LOMBARD
Tony Patucci .... CHARLES LAUGHTON
Joe .... WILLIAM GARGAN
O médico .... HARRY CAREY
O padre .... FRANK FAY





Tony Patucci (Charles Laugton), aí tens o prémio duma vida inteira de trabalho: talvez não haja vinha como a tua, na Califórnia. O êxito embriaga mais que o vinho; mas tu continuas, franco e simples, enamorado da Natureza...

Dinheiro não falta, o ano corre bem... Porque não vais até à cidade? Precisas de distracção, de ver caras novas, de tirar enfim partido do que ganhas.

Em São Francisco até as criadas de café são bonitas!

A costela latina atraiçoou-te: foi ver e amar. Nem ela nasceu para criada, nem tu para viver sòzinho. Se soubesses escrever o que sentes! Negócios de amor não pedem secretário... e ainda por cima mandas-lhe o retrato do capataz, o Joe (William Gargan), como se teu fôra!







Fraco amor o dela — por correspondência... Mas aceitou, e vem, vem para casar. Como estás contente, Tony! E ris e pulas como uma criança. Enfeitaste a quinta e ao querer ver o conjunto de cima dum telhado (desgraçada ideia)...

...Escorregaste, caíste, e aí tens: as duas pernas partidas, o casamento adiado. Porque o casamento há-de fazer-se, Tony!

Ela perdoou-te a troca dos retratos e acabou por se conformar (aquela vida de São Francisco, ser criada...)

O Doc (Harry Carey), como lhe chamam, percebe do seu ofício: dentro de dois meses, levantas-te e casas, casas pela certa. É certo que Joe e Any (Carole Lombard) sentem «qualquer coisa» um pelo outro, mas contrariam-se, e raro se olham frente a frente...







Como *isto* vai ser cruel para Tony! O capataz contou à rapariga que era êle o secretário amoroso e que a musa correspondia à inspiração. Any fraquejou, e aquele desmaio que teve há pouco...

Não precisas saber o resto, Tony!

Joe, quando soube do embaraço de Any, fugiu como um covarde. Que lhe resta a ela fazer senão o mesmo? Mas Joe muda de ideia: volta e aconselha-a a casar com o outro!...

Atraído pela altercação, Tony põe-se à escuta, ouve ainda meia verdade.

...A outra metade é a própria Any que a confessa. Perante a dor de Tony dá conta, pela primeira vez, do amor que soube inspirar. O conselho do padre (Frank Fay) suaviza a situação: — «Nada resolvam sem que o tempo sirva de bálsamo às vossas feridas...»

6 de Janeiro de 1941
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória: R. do Alecrim, 65. Tel. 2 9836. Composto e impresso nas Oficinas de O JORNAL DO COMÉRCIO E DAS COLÓNIAS, R. Dr. Luiz de Almeida e Albuquerque, 5. NEOGRAVURA, LIMITADA, T. da Oliveira, à Estrêla, 4-6.

Animatógrafo

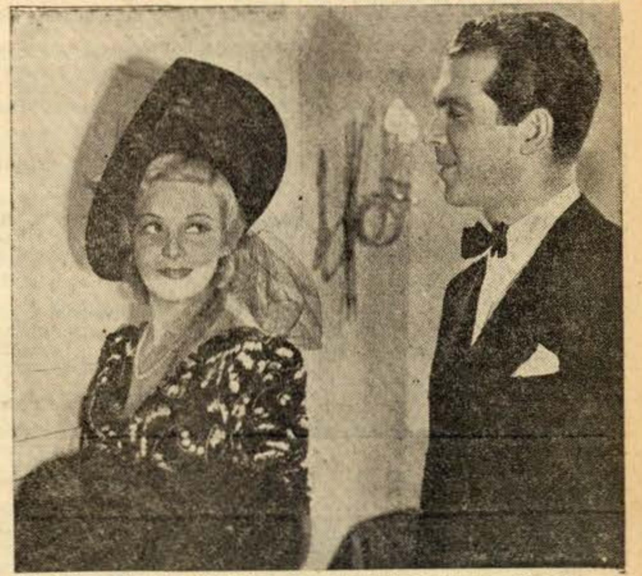
Director, editor e proprietário: ANTONIO LOPES RIBEIRO

2.ª série — N.º 9 — Preço 1$50
PREÇOS DA ASSINATURA
Ano .... 78$00
Semestre .... 39$00
Trimestre .... 19$50
Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Tel. P. A. B. X. 2 7507) — Lisboa

A PARAMOUNT VAI FILMAR EM HOLLYWOOD

«ONE NIGHT IN LISBON»

cuja acção decorre em Lisboa e que tem por vedetas MADELEINE CARROLL E FRED MC MURRAY



Fred Mac Murray e Madeleine Carroll em «Um Noivo para Três Noivas».

Não é esta a primeira vez que os produtores cinematográficos escolhem Lisboa, quer para teatro de acção dos seus filmes, quer para importante ponto de passagem dos seus argumentos.

Foi em 1923 que pela primeira vez, locais lisboetas serviram a sequências de filmes. Intitulava-se «A Grande Desconhecida» e interpretavam-no Ellen Richter, ao tempo uma das mais categorizadas artistas alemãs, que, coincidência curiosa, se encontra neste momento em Portugal, e o conhecido George Alexander, indispensável intérprete das produções germanicas. Ambos «fizeram cenas» em S. Pedro de Alcantara», no Jardim Botanico e, muito especialmente, no Terreiro do Paço, que passeou, assim, a sua importância pelos «écrans» de toda a Europa.

Em 1929 vinham propositadamente a Lisboa, para que aqui fôssem realizadas algumas passagens do filme «Fraulein Lausbub», que então estavam interpretando e dirigido por Eric Waschneck, a simpatiquíssima Dina Gralla, cuja popularidade entre nós era nessa altura enorme, e Arthur Duarte. A êles se juntaram os seus camaradas portugueses Irene Isidro e Vasco Santana, tendo António Lopes Ribeiro dirigido as cenas que em Lisboa se passavam e que tiveram por quadro o Chiado, o Campo Grande e o Estoril.

Três anos mais tarde aparece também em Lisboa a «troupe» da U. F. A. que até nós vinha com o propósito de realizar, tanto para a versão alemã, como para a francesa, algumas passagens importantes de «Estupefacientes», um filme que estava longe de ser uma obra perfeita. Peter Lorre, o pretencioso Hans Albers, Trude von Mollo, Jean Murat, Monique Rolland, Raoul Aslan, o realizador Kurt Gerron, hoje trabalhando nos Estados Unidos, e o famoso operador Carl Hoffman fizeram de Lisboa, durante alguns dias, o seu quartel general, ante a curiosidade e o interêsse de grande multidão.

Um outro artista alemão, há relativamente poucos anos, fez passar por Lisboa grande parte do acção dum dos seus filmes. Era Harry Piel—de cuja carreira cinematográfica verdadeiramente prodigiosa fazem parte para cima de cem filmes — e o filme intitulava-se «Harry Piel em Lisboa». Mas desta vez nenhum actor veio até nós, tendo servido algumas cenas fotografadas por Aquilino Mendes para criar a atmosfera e localizar a acção.

Jean Murat, Winna Winfried, o malogrado André Berley, Robert Le Vigan, Maurice Lagrenée, chefiados pelo realizador André Chenal, o vigoroso encenador de «Crime e Castigo», em Novembro de 1935 abordavam a Lisboa num «quatro mastros» elegantíssimo, principal personagem do filme «Os Amotinados de Elseneur», tirado de Jack London.

O Tejo e o casario das colinas de Lisboa serviram de pano de fundo a importantes passagens do «scenario».

Depois de toda esta série, que não deixa de ser interessante, é a Paramount que vai agora produzir um filme em que Lisboa tem um importante e desenvolvido papel a desempenhar. Intitula-se «One Night in Lisbon», e dêle são protagonistas dois artistas bem conhecidos dos cinéfilos portugueses: a formosíssima Madeleine Carroll e o simpático Fred Mac Murray, que assim, uma vez mais, depois de «Os Milionários Divertem-se» e «Noivo para Três Noivas» vão aparecer juntos no mesmo filme.

Como o titulo deixa adivinhar, toda a acção se passa durante uma noite em Lisboa, ponto de escala da viagem dos personagens que aqueles dois artistas vivem na tela, viagem que os levará a Londres no desempenho duma arriscada e importante missão.

Nenhum dos intérpretes do filme virá, porém, a Portugal. As possibilidades técnicas de que o cinema pode hoje lançar mão são de tal ordem que, para casos como êste, não há, realmente, grande necessidade de deslocação, quer de técnicos, quer de artistas, para a realização de qualquer das cenas passadas entre nós. Serão filmados, no entanto, em Lisboa os exteriores indispensáveis não só á situação da acção, como á criação duma perfeita atmosfera local, trabalho para que foi já convidado, segundo informações que possuimos, um dos nossos mais competentes técnicos, o operador César de Sá. Tudo o resto será reconstituído nos estudios da Paramount, em Hollywood, que se encontram neste momento em óptimas condições para tal, pois estão na posse de elementos valiosos, depois de copiosa documentação, não só de Lisboa, mas de todo o país, que a pedido da Central de Hollywood um organismo oficial acaba de fornecer á Paramount.

«One Night in Lisbon» vai ser, estamos disso convencidos, um esplêndido elemento de propoganda que Portugal fica devendo á Paramount, dado a larga expansão habitual dos filmes americanos em todo o mundo.

E' sem duvida mais um belo serviço que a Paramount presta a Portugal de quem não é lícito esquecer a série de filmes falados em português que, no início do sonoro, foram realizados nos seus estudios de Paris, em Joinville, e interpretados por artistas portugueses — «A Canção do Berço», «A Mulher que Ri» e «A Minha Noite de Nupcias».

Isso mesmo o compreendeu o Govêrno Português, galardoando nessa altura, com a Ordem de Santiago, Adolph Zuckor e algumas outras figuras de destaque da Paramount.

VIVIEN LEIGH e LAURENCE OLIVIER vêm a caminho de Portugal a bordo do «EXCAMBION»

A bordo do «Excambion» chegam hoje ou amanhã a Lisboa Vivien Leigh e Laurence Olivier. Apesar das muitas «estrêlas» que ultimamente têm passado pelo nosso país, os meios cinéfilos portugueses não podem deixar de receber esta noticia como verdadeiramente sensacional, dada a grande categoria do simpático casal de artistas que vamos ter entre nós por alguns dias.

Vivien Leigh embora já tenha passado nas telas portuguesas — interpretava, por exemplo, a mulher do livreiro no «Estudante de Oxford» — é pouro conhelida do nosso público, que só agora, com a breve apresentação de «A Ponte de Waterloo», vai começar a conhecer as suas recentes criações, a mais sensacional das quais o papel de Scarlet O'Hara de «Gone With Wind» lhe valeu o prémio da melhor interpretação feminina de 1939 da Academia de Hollywood. E' irlandesa e acompanha a Londres seu marido que, como bom cidadão inglês, depois de cumpridos os contratos que tinha na América, se vai alistar.

A carreira de Laurence Olivier não é menos brilhante do que a brilhantíssima carreira de sua mulher. Extraordinário actor, vimo-lo numa correcta interpretação em «O Divórcio de Lady X» e, ainda há pouco, na prodigiosa criação de Heathriff do «Monte dos Vendavais». Recentemente filmou, ao lado de Geer Garson, «Orgulho e Preconceito». Mas foi a interpretação do protagonista de «Rebecca», filme que deve amanhã estrear-se no «S. Luiz» e que na América bateu todos os «récords» de bilheteira, quem deu a Laurence Olvier a consagração definitiva que, aliás, já desde o «Monte dos Vendavais» merecia.

CARTA ABERTA AO MEU AMIGO CINEMA

felicitando-o pelo seu QUADRAGÉSIMO QUARTO ANIVERSÁRIO

Meu Caro Amigo:

Tenho por V. uma tão grande admiração, consagrei-lhe desde que o conheço tantos momentos da minha vida (todos, a bem dizer!), que de modo algum podia esquecer que no dia 28 de Dezembro passado, V. completou quarenta e cinco anos de existência.

Sim senhor: quarenta e cinco anos!... E é ainda um rapaz que tantos trabalhos dá para se criar. V. é, sem dúvida, um ser excepcional e assim se compreende que a sua gestação se tivesse iniciado nos tempos longínqüos de Salomão e só em 1895 surgisse perante a luz, tendo como médicos parteiros os irmãos Lumière.

Depois, tem sido um nunca acabar de preocupações.

As habituais doenças de tôdas as crianças, por si passaram: teve o sarampo das séries, as bexigas das vampes...

Mas a mais grave, aquela que mais preocupações deu, foi quando V. começou a palrar.

Ai, meu amigo! Confesso-lhe agora que me vi atrapalhado. Eu era ainda miúdo, mas olhe que me fartei de ler os jornais da especialidade, procurando conhecer melhor a marcha da maravilhosa mas terrível doença que desnorteou meio mundo.

Foi um caso sério, e V. deixou para aí muita gente banzada com a sua espantosa resistência moral.

Mas o que lá vai, lá vai. Agora V. resolveu deixar o luto aliviado e passou a vestir-se de garridas côres.

Bravo! Gosto mais assim e fica-lhe melhor.

Mas, por favor, faça isso duma vez, abandonando para sempre o já estafadíssimo preto e branco.

E' verdade: consta-me que V. tem andado adoentado.

Será verdade?

De facto, há tempos notei-lhe qualquer coisa de estranho.

O diagnóstico médico dizia ser «Relêvo» a sua nova doença mas eu inclino-me a que isso é mais uma «pequena» transformação do seu sêr...

Não lhe parece?

V. ainda está muito novo e muitas surpresas nos trará por certo.

Já agora aproveito o momento para lhe falar dum assunto muito grave.

V., que possue o mais formidável poder de atracção espectacular que jàmais houve sôbre a terra anda para aí a «desinquietar» muitas raparigas.

Se V. as «tratasse» sempre bem, vá lá, mas depois de as «utilizar» durante uns anos acaba por as abandonar.

Não se desculpe. Eu sei o que V. vai dizer.

São os seus secretários-produtores que se zangam com elas, é o público que se cança delas, é tudo, eu sei.

Mas, francamente, veja se tem um pouco mais de cuidado — e mais constância. Não desinquiete tantas raparigas.

Agora reparo, tenho estado para aqui a escrever-lhe com tamanha liberdade de palavras, que não me fica lá muito bem.

Desculpe.

Eu podia ter a vaidade, como a de muitos senhores que há pelo mundo, de dizer alto e bom som:

Eu sou amigo íntimo do Cinema. Eu conheço perfeitamente o Cinema. Não há nenhuma particularidade do Cinema que eu não conheça...

Mas não, meu caro amigo, prefiro não ser assim. V. é tão difícil de compreender, tão complicado na sua maneira de ser, tão atraente no seu aspecto geral que eu limito-me apenas a dizer:

Admiro o Cinema; e, aproveitando a passagem do seu 45.º aniversário — dou-lhe sinceros parabens.

JOÃO MENDES

O cheque da ALIANÇA-FILMES



prémio do concurso para o título de «Mister Smith» foi entregue a ANTERO FARO

Damos hoje à estampa a «vera efígie» do cheque de 500 escudos entregue ao vencedor do concurso aberto no «Animatógrafo» para o título português do novo filme de Frank Capra «Mister Smith goes to Washington». Conforme anunciámos no último número o premiado foi Antero Faro com o seu título «Peço a palavra!», escolhido depois de cuidadosamente apreciadas as condições de algumas dezenas de títulos tão «possíveis» como êste, mas que, em última análise, não conseguiram bater as qualidades de incisão, brevidade e intenção, reveladas por «Peço a palavra!». A medida que foram chegando as respostas ao concurso, fez-se uma selecção rigorosa e atenta dos títulos candidatos — que os nossos leitores e todos os concorrentes puderam seguir, de certo modo, nas colunas do «Animatógrafo». E, uma vez terminado o prazo do concurso, a lista dos candidatos seleccionados foi sujeita a atento exame dum júri formado pelos srs. Alberto Armando Pereira e Carlos Moreira, pela Aliança Filmes, e António Lopes Ribeiro e Domingos Mascarenhas pelo «Animatógrafo». A escolha fixou-se em «Peço a palavra!» por unanimidade. Não pesou, nem evidentemente devia pesar no ânimo do júri, o facto de Antero Faro ser um profissional de cinema, pois pelo facto da sua profissão não deixa de ser um leitor de «Animatógrafo», como qualquer outro. Ponderou-se também a eventualidade de alguém poder supôr qualquer espécie de «preferência antecipada» em relação ao premiado, pelo facto de termos publicado a sua carta-resposta na íntegra, distinguindo-o assim logo de início. Mas também essa consideração não influíu afinal no resultado, em primeiro lugar por ser evidente que, se tal intenção de «compadrio» tivesse existido, procurar-se-ia decerto escondê-la o mais possível — o que não se coadunava com a própria publicação da carta; em segundo lugar porque se entendeu que não havia qualquer motivo para preocupações com suspeitas de tal ordem, tanto mais — e isto constitue uma terceira razão — que a classificação devia ser em mérito absoluto e em «conveniência absoluta» para o fim em vista: crismar, nas melhores condições possíveis, de toda a ordem, o filme de Capra.

O resultado foi aliás admiràvelmente aceito pelos candidatos, pois não só ninguem nos manifestou qualquer espécie de estranheza a tal respeito, como, pelo contrário, muitos concorrentes nos têm escrito a testemunhar o seu agrado pela escolha feita, confirmando-a com magnífica isenção e impecável «fair-play». Devemos confessar que semelhante atitude impressionou-nos profundamente, pelo que revela de nobreza de carácter, inteligência compreensiva e verdadeiro espírito desportivo — tão necessário e apreciável no «match» da vida. Quanto a nós êsse gesto veio fechar com chave de ouro o nosso concurso — com a melhor chave de ouro que se poderia ambicionar.

O REFERENDUM DOS RETRATOS

OLIVEIRA MARTINS atingiu com GARY COOPER o primeiro lugar da classificação masculina. NORMA SHEARER é a primeira das actrizes

Prossegue com êxito crescente o «referendum» dos retratos do «Animatógrafo». De semana para semana aumenta o número de senhas chegadas à nossa redacção com a indicação das preferências dos nossos leitores, o que prova quanto os nossos retratos interessam e provoca, por vezes, na classificação alterações sensíveis.

O apuramento desta semana apresenta os seguintes resultados:

Actrizes

1 — Norma Shearer
2 — Ann Rutherford
3 — Dorothy Lamour
4 — Maria da Graça
5 — Mirna Loy
6 — Deanna Durbin
7 — Alice Faye
Paulette Goddard
9 — Eleanor Powell
Greta Garbo

Actores

1 — Oliveira Martins
2 — Gary Cooper
3 — Clark Gable
4 — Spencer Tracy
5 — Mickey Rooney
6 — Robert Stack
7 — Henry Fonda
8 — William Powell
Richard Green
10 — James Stewart

O facto mais sensacional a registar é, incontestàvelmente, a classificação do galã português Oliveira Martins no primeiro degrau da escada acima de Gary Cooper.

Desde já fica garantida a publicação do retrato dêstes dois actores aos quais, como de costume, serão cortados, agora, todos os votos.

Nas mulheres verifica-se a ascenção natural de Norma à primeira classificação e são dignas de nota as subidas da vedeta nacional Maria da Graça e da gentil Ann Ruthford. E', ainda, de salientar que Deanna Durbin e Mickey Rooney, que tiveram ainda há poucas semanas cortados todos os votos, já aparecem de novo nos lugares de honra, o que revela a extraordinária simpatia do nosso público por estes actores.

Finalmente, queremos revelar aos nossos leitores pormenores que nos parecem com interêsse: há quarenta e cinco nomes de actrizes votados e quarenta e um de actores: nos primeiros, seis e nos segundos, quatro são de «estrêlas» de filmes nacionais.

A's urnas, cidadãos-cinéfilos! A's urnas!

O Cinema Português perante o CHEFE

Louvado seja Deus!

O ano de 1940 deixa-nos, a todos nós, portugueses, recordações bem mais gratas que a todos os demais povos da terra. Não nos levem a mal que o proclamemos com certo orgulho, embora temperado pela nossa humílima gratidão à Providência. Que o nosso orgulho vem de termos sabido merecer, pelo menos neste ano áureo que findou, a paz que nos reconforta. Merecemo-la pelo trabalho e disciplina do povo, pela ponderação e inspiração do Chefe, por termos sabido encontrar no Passado glorioso o fundamento do Presente e as directrizes do Futuro.

Graças a Deus! Graças a Salazar!

O Cinema, espelho da vida, não podia, no exercício da sua missão essencial, deixar de reflectir, aqui como em tôda a parte, o espectáculo humano que o rodeia. E se os laboratórios de Berlim nos remetem paradas e batalhas, os de Londres exemplos de civismo e imagens de ruínas, os de Nova Iorque reflexos multiformes duma civilização febril que na Europa vai desaparecendo sob um véu de fumo mortífero, os laboratórios de Lisboa lançam para os «écrans» as flôres de Guimarães, os pavilhões serenos de Belém, o trabalho delicado das filigranas e das rendas, cantigas vibrantes como aclamações e aclamações harmoniosas como cantigas...

Não queremos dizer muito, nesta alvorada de Ano Novo — que a nossa fé inabalável nos assegura dever ser, para nós, um Ano Bom. Preferimos concentrar-nos num silêncio de místico respeito, em que saüdamos inclusivamente os que se batem pelos seus ideais próprios, certos de que Deus dará a vitória a quem melhor a merecer.

Só queremos romper êsse silêncio para rogar ao Chefe que não desampare a Cinematografia Portuguesa, neste momento em que, da nossa paz interior podem nascer sei lá que maravilhosos cometimentos. Que êle compreenda que nenhum porta-voz mais forte e mais legítimo que o Cinema pode levar a tôda a parte a sua Lição e o nosso Exemplo. Mas, para que o faça, precisa o nosso Cinema de viver numa atmosfera mais desafogada, mais límpida, e ter os pés melhor assentes no chão. E como bastaria uma palavra sua para que assim fôsse, gostaríamos de lha ouvir proferir neste ano que começa.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

PANORÂMICA

Leopoldo O'Donnell †

«Animatógrafo» sentiu profundamente a morte, aos 70 anos, dessa admirável figura de animador cinematográfico que foi Leopoldo da Assunção O'Donnell. Ao emprezário do Olímpia de Lisboa deve o cinema em Portugal, de facto, algumas das suas mais sólidas conquistas: não só a popularidade, que o género, tão «animatográfico» das fitas em episódios granjeou, mas elevadas afirmações de cultura cinematográfica. Porque foi no Olímpia, e por iniciativa de Leopoldo O'Donnell, que Lisboa conheceu algumas das maiores obras-primas da cinematografia, que as salas pretenciosas recusavam: «O Chapéu de Palha de Itália», de René Clair; «Sombras», «Os Mestres Cantores de Nuremberg»; «Casa Desfeita», que nos revelou Walter Huston, «O Terror dos Cabarets» e muitas outras mais. Foi O'Donnell ainda quem lançou entre nós as primeiras vedetas, dos tempos heróicos do cinema italiano — Francesca Bertini, Lyda Borelli, Pina Menichelli, — e quem promoveu a primeira conferência sôbre cinema: «As Grandes Trágicas do Silêncio», por António Ferro, hoje director do Secretariado de Propaganda Nacional. E foi O'Donnell, não só um dos primeiros portugueses que acreditou no cinema, fundando o Olímpia com Sabino Correia (outro grande precursor, que já havia fundado o Chiado Terrasse), mas um dos poucos que acreditou no cinema português, constituindo, com D. Virgínio de Castro e Almeida, a «Fortuna Filmes», que produziu duas das nossas melhores películas: «A Sereia de Pedra» e «Os Olhos da Alma».

A morte de Leopoldo O'Donnell cobre portanto de luto a família cinematográfica portuguesa. No seu próximo número, «Animatógrafo» evocará a figura do desaparecido com o realce que merece. E apresenta a Sabino Correia e à família O'Donnell os mais sentidos pêsames.

Filmes agrícolas

Com um prazer tanto maior quanto é certo que não são freqüentes tais consagrações aos nossos produtos cinematográficos, lemos uma notícia, num jornal diário, em que se anuncia a entrega, feita pelo sr. dr. H. Van Haastert, do Instituto Internacional de Cinema Agrícola de Roma, de um prémio e vários diplomas atribuídos no Concurso Internacional de Cinema Agrícola, que se realizou em Roma no último mês de Maio, a quatro filmes portugueses produzidos pela Secção Cinematográfica do ex-Ministério da Agricultura. São êsses filmes os seguintes: «A cultura do melão no Ribatejo», «Técnica do Apiário», «Os Toiros na faina agrícola ribatejana» e «A Festa Vindimária — Danças e cantares portugueses».

Três coisas nos surpreendem, porém, na referida notícia:

1.ª — Que se tenha escamoteado o nome do sr. Adolfo Coelho, que acaba de realizar «Pôrto de Abrigo», e que dirigiu a execução de todos êsses filmes premiados.

2.ª — Que se tenha escolhido para nos representar no estrangeiro um filme como o da «Festa Vindimária», em que aparecem ranchos incaracterísticos, exibindo um folclore de revista, num momento em que se esboça um movimento sério para salvar os nossos costumes regionais de influências que os deturpem.

3.ª — Que se tenha escolhido, conforme reza a notícia, «um fundo musical constituído pelo hino nacional português» para acompanhar «A cultura do melão no Ribatejo» e «Os Toiros na faina ribatejana».

Não vemos muito bem o melão a crescer ao som da «Portuguesa», nem os toiros a lavrar emquanto se ouvem os compassos famosos de Alfredo Keil. Presumimos que seja confusão do redactor da notícia — mas é uma confusão lamentável.

O Natal do Cinema

O Natal do Cinema quási coïncide com o Natal cristão, pois foi a 28 de Dezembro, três dias depois do dia em que se celebra o nascimento de Jesus Nosso Senhor, que no ano da graça de 1895 os irmãos Lumière apresentaram em Paris, nas caves do Grand Café, o primeiro espectáculo cinematográfico.

Pensámos em solenizar tal data como convinha. Mas os afazeres do número especial e o transbordar de iniciativas já tomadas impossibilitaram-nos de o fazer na escala apropriada, a única que admitiríamos. Roma e Pavia não se fizeram num dia. Guardamos portanto para o ano de 41, agora começado sob tão bons auspícios cinematográficos, a primeira celebração entre nós da data festiva, com um espectáculo sensacional cujo programa já delineamos. Porque as coisas, para serem feitas como devem ser, não se improvisam nem atamancam.

H. G. Wells

Vindo dos Estados Unidos e a caminho de Londres, chegou a Lisboa, a bordo do «Excalibur», o célebre escritor inglês H. G. Wells, autor dum dos livros que melhor se prestaram à adaptação cinematográfica: «O Homem Invisível». Menos feliz num argumento original que escreveu e super-visou, H. G. Wells é, no entanto, um propagandista fervoroso do cinema, um «cinéfilo» na nobilíssima acepção que sempre conferimos à palavra, e que é a única de admitir. Por isso, tanto como pela sua glória literária, saüdamos os seus vigorosos 74 anos, desta tribuna humilde, mas, acima de tudo, «cinéfila» à face do Eterno.

Silva Nogueira

Quem conhece a técnica de «montagem» da rotogravura compreende perfeitamente que pode «escapar» uma celofane com um nome. Foi assim que desapareceu o nome do fotógrafo a quem se deve o excelente retrato de Maria da Graça que publicamos na capa do número de Natal, bem como os três óptimos instantâneos da entrega da primeira carta recebida pela jovem interprete de «Pôrto de Abrigo»: Silva Nogueira. Mas êle, que é cinéfilo, e assinante do «Animatógrafo», e nosso amigo de verdade, sabe que não o fizemos de proposito. E, se não o soubesse, aqui teria a prova da nossa muita admiração.

Carole Lombard, sem mistura

Há quem suponha que «Animatógrafo» deitou o paulito abaixo, como usa dizer-se, com a capa do último número, publicando um retrato de outra artista e «julgando» ser de Carol Lombard. Não tenham dúvida: por mais semelhanças que lhe encontrem, é a Carole Lombard em pessoa, sem mistura e com o «aval» da Rádio-Filmes. Por sinal — um estupendo retrato.

Qualquer dia publicamos uma fotografia da Katherine Hepburn — e são capazes de dizer que é a do nosso director!...

A PÁGINA DOS NOVOS

ONTEM FUI AO CINEMA

Pois é verdade... ontem fui ao cinema! Isto nada tem de extraordinário pois que não raras vezes me acontece êste agradável precalço. De forma que, o facto de eu ontem ter ido ao cinema nunca poderia ser motivo desta prosa, se outra coisa ainda mais agradável, não me tivesse sucedido.

Mas... não precitemos os acontecimentos!

Após o jantar, por sinal um opíparo jantar mesmo para qualquer gastrónomo que se preze, consultei a minha «cebola» (da influência dos tempêros da refeição), ajuïzei da distância a que estava do Tivoli e disse para os meus botões: «Não perderemos esta estreia». E com a completa aquiescência daqueles bisbilhoteiros (tenhamos em vista que assim que entram em casa se põem à janela) «ataquei» o trajecto com tôda a energia disponível, visto que a maior parte dela se empregava numa laboriosa digestão.

Cogitando, subi a Avenida. Sim! Eu, como qualquer primata, cioso da sua condição de animal superior, às vezes cogito. Cogito no preço de três horas de diversão, no custo daquele papelinho que apresenta o argumento da fita aos que não gostam de novidades e querem estar prevenidos para o que der e vier; em suma, penso na maquia que tenho a dispender antes de estar instalado. Mas ontem, parecia que todos os sacrifícios financeiros que eu pudesse vir a fazer, tôdas as constipações que pudesse vir a agarrar, tudo eu suportaria com o maior estoicismo, só porque passados momentos me surgiria na tela, uma figura: a Ginger.

Loura ou morena, a dançar ou a representar, que me importava, eu queria só que fôsse a Ginger...

Finalmente, tudo acabou em bem. O Joel é um rapaz às direitas!

A «tela» deixou de estar animada, as luzes acenderam-se, e eu preparo-me para sair.

Já estou na rua, faz frio eu trato de estugar o passo. Quero chegar cêdo à dôce tepidez da cama. Mas, eis o imprevisto! Por alturas dos Restauradores, ouço atrás de mim, uma voz muito minha conhecida; volto-me, de repente, e vejo, em carne e osso (como se diz agora) a Ginger Rogers, que com o seu melhor sorriso me saüdava: «Hello, Sepúlveda» Fiquei banzado. Eu tinha aprendido no meu «Inglês sem Mestre», que «hello», era o grito com que se açulavam os cães, mas que podia ser tomado por uma interjeição que correspondia às nossas: eh! olá! oh! No primeiro momento, não percebi se estava a ser açulado, se a ser «interjeitado» (perdôem o neologismo), mas ante a cara risonha da vedeta, não tive mais dúvidas: estava a ser cumprimentado.

A custo e, cerimoniosamente, consegui balbuciar: «How do you do, Miss Rogers?» Mas ainda não tinha completado a frase já sentia que a «estrêla» me dava o braço, com um à-vontade, naturalíssimo para uma americana, mas a que eu não estava habituado.

Belisquei-me repetidas vezes. «Não estaria eu a sonhar?»

Nem os jornais tinham dito nada, nem naquele dia tinha chegado o «Clipper»; Como seria possível que só eu tivesse esta aventura?

As ideas atropelavam-se-me na mente, as preguntas, que faço a mim mesmo, sucedem-se: «Donde me conhecerá a Ginger?»

«Que fará ela pela Europa?»

No entretanto a mímica entra em acção (com a comoção esqueci-me de todo do inglês que aprendi no liceu e no livro do sr. Bensabat). «Que faz por Lisboa?» «Olhe que uma menina, digna dsse nome, não passeia sòzinha a estas horas», digo eu muito senhor do meu papel. Não obtenho resposta a esta sentença, o que não admira dada a nacionalidade da artista. E a conversa prossegue.

Estou cada vez mais encantado... e em tão bela companhia passei uma noite encantadora.

... ...

Isto tudo sonhei eu, acordado, à fôrça de contemplar a capa do «Animatógrafo» desta semana. Caí em «êxtase» ou coisa parecida...

Dezembro de 1940.

SEPÚLVEDA

Uma carta do «Par Invisível»

Cinéfilos:

«Se chegarem a ler esta carta nas colunas de Animatógrafo, devem-no à paciência evangélica de Lopes Ribeiro, que ao lê-la conseguiu chegar ao fim sem adormecer

O Cinema Nacional, é o tema desta missiva; porém, não poderemos começar a falar nêle, sem primeiro trazer à «berlinda» os seus «fabricantes».

A maioria dos realizadores nesta cidade de mármore e granito, fazem-nos lembrar aquele nosso amigo, que almoçava «bacalhau com batatas», e jantava «batatas com bcalhau»!

Isto é: alguns dêles, pecam por excessivo patriotismo; querem mostrar ao estrangeiro que nós, os portugueses, andamos constantemente a dançar o corridinho, o vira, o bailarico saloio, e a jogar o pau por tudo e por nada...

Por pequeninos «nadas» e «quês» é que certos filmes são criticados.

Não se pode atribuir isto à falta de Capital, mas sim ao pouco cuidado na revisão final.

Não será talvez, um pouco de falta de atenção, vermos no comêço dum filme, um galã que é carteiro, e na parte final do mesmo alegar não poder ser contratado para o cinema por não saber ler?

Já viram uma lavadeira da Malveira, fazer propaganda de algum Instituto de Beleza

Parece-nos que não...

São êstes e outros «precalços» que fazem com que um filme que poderia ser bom seja criticado por muita gente.

Que queremos nós?

Queremos filmes nacionais que se possam comparar aos estrangeiros, porque, no momento actual de incertezas e imprevistos, Lisboa, se tivesse a sua indústria cinematográfica desenvolvida devidamente, tornar-se-ia, cremos, num grande centro cinematográfico europeu. Condições não nos faltam, e muito menos sítios maravilhosos para filmagens.

Porque será, então que, existindo locais soberbos para filmar, muitos dos nossos realizadores, preferem o Bairro dos Castelinhos, a Mouraria, a Malveira e lugares idênticos?

Será por serem considerados «monumentos nacionais»?

Mas o estrangeiro que não conheça a nossa terra julgará que Portugal inteiro se compõe sòmente dos Bairros supracitados.

Conclusão: nós achamo-lo interessante por ser português; mas o estrangeiro acha-o terrível!

Muitas mais coisas diríamos, se imitássemos a Garbo na «Ninotchka»; mas, disso poderia sobrevir um grave conflito...

E correríamos o risco de ser prêsos como agitadores da 7.ª Arte...

PAR INVISÍVEL

CORREIO DOS NOVOS

R. CONSTANTINO. — Tirando um ou outro exagêro, que o seu entusiasmo desculpa mas que o seu senso crítico deveria refrear, a série de aforismos que nos enviou tem interêsse, e merece ser publicada parcialmente. Compare o que sair com a cópia que certamente guardou, e veja que os cortes só beneficiam o conjunto.

A. R. F. — Interessam-me sempre os argumentos originais Quando tiver o seu concluído, mande-mo, que o lerei com a maior atenção. Mas não tenha ilusões: não será fácil que o A. L. R. possa realizá-lo com a rapidez que a sua impaciência ambiciona.

ANGELO MANUEL. — Muito agradeço a sua carta. Pela sua parte nada tem que agradecer. Para que o «Clube» possa ter actividade no Pôrto é preciso que o número de inscrições o justifique. Faça propaganda, consiga aderentes, e verá que não o deixamos ficar mal. Quanto a prémios para c Cinema Português, não pensemos nisso por enquanto Ainda não há em cada ano número de produções suficientes para que a competição tivesse quàlquer interêsse.

ARMINDO BLANCO. — Muito bom, o seu artigo sôbre o Cinema Português! Arriba êle! Será publicado quanto antes. Pena é que nem todos vejam as coisas como você.

VISCONDE DO BELO CAIS. — Com certeza que não imaginou que um jornal de propaganda cinematográfica poderia publicar um artigo contra o cinema. A sua especiosa teoria, com hormonas e outras coisas complicadas, não é compartilhada por nós. Já reparou que, muito antes de haver cinema, já havia criminalidade infantil? Acredite que o ambiente doméstico e a educação têm bem mais decisiva influência nas crianças que um espectáculo onde o bem sempre triunfa do mal. Depois, é aos pais que compete fazer a selecção dos espectáculos sob o ponto de vista que tanto o preocupa.

GARRIAPA. — Para nós a «história» em que conta a maneira como conheceu «Animatógrafo» tem o maior interêsse. Mas acredita que ela possa interessar aos nossos leitores? Publicá-la, seria duma vaidade, duma presunção que não está nos nossos hábitos. Tenha paciência.

EELZNAY (?). — O seu «Protesto!» é oportuno e será publicado, logo que nos mande um pseudónimo decente para o assinar. O que escolheu é confuso e mais parece pseudónimo de charadista que de cinéfilo.

MIRA TÔRRE. — Uma série de preguntas como a que mandou não constitue pròpriamente um artigo. Mais interessantes são as respostas, que aliás lhe vamos dar: Daniele Darrieux não voltou a trabalhar na Universal porque o seu contrato com Gregor Rabinovitch lho não consente antes de 1943 Mas vai trabalhar na R. K. O., que fez um acôrdo com aquêle produtor.

ROUXINOL CINÉFILO.— Uma simples resposta ao Concurso da Aliança-Filmes não tem interêsse bastante para ser publicada, salvo se tiver o espírito da de Antero Faro.

CONDE MISTERIOSO. — O assunto de que trata na carta é bem mais interessante que os que trata nos artigos. No entanto, dois dêles merecem publicação Veja se faz um outro onde nos conte as condições do cinema na província, a avaliar pelo que se passa em Lamego. Veja também se arranja um pseudónimo menos «posidónio» — e se escreve dum só lado do papel! Também é indispensável mandar o nome autêntico e a morada.

A. S. TÔRRES. — Já deve ter lido a resposta à sua primeira carta no último «Correio». Agora — aguarde.

RETARDADOR

COMO ADMIRO O CINEMA PORTUGUÊS

Como em todos os países onde se faz cinema há filmes melhores e piores, o mesmo sucede com o nosso cinema, onde temos visto obras razoáveis e até mesmo algumas boas.

É certo que em alguns filmes portugueses se notam êrros, alguns dêles devidos à pouca prática dos intérpretes, outros à rapidez e irregularidade com que decorrem as cenas.

São essas as faltas quási exclusivas que encontramos nos filmes nacionais.

Mas, se todos nós pensássemos no esfôrço e no trabalho consumidos para se conseguir um filme e sobretudo um filme português, em que há a preocupação do acolhimento que lhe dispensará um público exigente como o é o nosso público, veríamos que realizar um filme aqui, exige um pensar e um cuidado dignos de louvor.

A maior parte dos filmes portugueses são populares, o que aumenta as canseiras, pois êste fá-los o produtor para o povo os sentir, para o fazer vibrar e divertir-se ao mesmo tempo.

Para que o público os compreenda, há que recorrer a certas transigências. Fazer um bom filme português não é tão fácil como à primeira vista pode parecer aos cinéfilos pretenciosos.

M. J. S.

CINEMA PORTUGUÊS

É preciso manter e aperfeiçoar as «estrêlas» dos nossos filmes

A propósito do que dissemos nestas colunas, no último número, uma carta de certo leitor trouxe até nós um protesto que já não é inédito. «Manter e conservar os nossos «astros» e as nossas «estrêlas»! — diz — Esquecem-se de que F. é a negação do actor e de que S. nem sequer se aproxima duma sofrível amadora dramática?»

Não o esquecemos e sabemos bem quanto valem todos aqueles que vieram atraídos pelo clarão do nosso cinema. Uma pregunta, contudo, nos interessa fazer ao leitor assíduo que nos escreve: quando e em que circunstâncias pode êle garantir que «F. é a negação do actor» e que «S. nem sequer se aproxima duma sofrível amadora dramática?» Quando é que se pode afirmar que um principiante não tem condições para vir a ser um talento?

Balzac era tão mau romancista, nos seus princípios, que chegou a desistir de escrever. Só muito mais tarde criou essa prodigiosa galeria da «Comédia humana». E quem se não lembra da estreia de Gustav Fröhlich em «Metrópolis»? Que mau actor! — pensou-se e disse-se com razão. Todavia, que agradável artista se formou com o correr do tempo! Não devemos julgar superficialmente, fiando-nos nas aparências. O protesto do «leitor assíduo» não é, portanto, ao que nos parece razoável.

Olhar uma superfície não é, analisar uma alma. Napoleão, baixo e obeso, tinha fibra de imperador. Alexandre, Horácio, Byron eram de estatura meã. Diz-se que Sócrates tinha fisionomia dum cretino. O prodigioso actor Lekzin, glória do teatro inglês, era feio e deselegante. As mulheres fugiam dêle na rua mas adoravam-no no palco. O actor francês Potier não tinha figura e, segundo o seu biógrafo, a sua voz assemelhava-se a um sôpro. E aqui temos como uma análise superficial poderia ter privado o mundo dum Napoleão, dum Alexandre, dum Horácio, dum Lekzin.

Se para obter o canudo de lata com o diploma, o estudante trabalhou desde a meninez até à barba lhe sombrear a face, gastando nessa luta a sua infância e a sua adolescência, o principiante arrancado bruscamente ao seu meio e lançado não menos bruscamente num estúdio, não tem, por mais que o deseje, os recursos, o saber, a prática para representar, para se mover diante da câmara, para falar diante dos microfones, para ter o à vontade e a segurança dum actor estrangeiro.

A simplicidade, embora o não pareça, é sempre o mais difícil de obter. Qualquer realizador pode deslumbrar o público mais exigente dando-lhe, por exemplo, um choque de combóios, complicado à vista, com muitos planos, com montagem rápida. Mas o que poucos lhe poderão dar (e êsse segrêdo pertence aos americanos) é a cena total do choque, filmada num único plano, sem artifícios aparentes ou trucagens inúteis. A cena, apresentada dêste modo, é muito mais difícil de fazer, mas tem um tal aspecto de facilidade que o público acha bem, embora não fixe a atenção.

Ora, estes resultados conseguem-se com longos anos de prática, de estudo e de saber. Tal qual como na arte de interpretar. O actor não se improvisa: trabalha-se, prepara-se, «faz-se». E' fruto duma canseira diária, constante, que dura anos. O actor precisa de que lhe ensinem a andar, a estar, a falar, a olhar, a ouvir, a expressar-se, a sentir (ou a simular que sente)...

Um artista não se improvisa: é produto duma longa preparação

Podemos contar uma história verídica e curiosa cuja protagonista foi uma «estrêla» cadente: Anna Sten.

Anna Sten já era actriz de nome quando foi parar à Alemanha. Consagrada, recebeu um dia contrato para Hollywood. Na Meca do cinema, a artista que atravessara a Europa como uma «certeza», passou a ser apenas uma esperança.

Durante dois anos, Anna Sten foi «trabalhada» quotidianamente: ensinaram-lhe o inglês, passearam-na pelos melhores hotéis dos Estados Unidos, deram-lhe mestres da arte de representar, publicaram-lhe retratos em centenas de jornais e revistas. Mas Hollywood é exigente — porque tem de servir o Mundo — e não perdoa. Após dois anos de trabalho insano e uma despesa fabulosa para «lançar» a artista, Anna Sten não correspondeu. Abandonada por Goldwyn, foi abandonada pelos produtores de filmes de Hollywood. Acabou por se fixar num dos mais mais modestos estúdios da capital do cinema.

Hollywood, tendo de satisfazer um mercado universal, reconhecera que uma artista consagrada na Europa nem sempre, mesmo depois de «reensinada», pode ser consagrada pelo mundo. Decerto não será difícil avaliar o que foi o trabalho exaustivo da actriz russa na América, durante dois anos, para preparar um filme.

Dois anos! e em Portugal lançam-se neófitos para diante das câmaras de filmar e vem um senhor e diz: «Não tem geito! Nós vemos o Gary Cooper representar e é um gôsto! Vemos a Irenne Dunne e ficamos encantados! E os nossos, coitados, até nos obrigam a estar torcidos nas cadeiras!»

E' verdade, mas se o nosso cinema tivesse a continuidade que se reclama há anos e se os nossos «astros» e as nossas «estrêlas» tivessem trabalho diário — como verdadeiros profissionais e fizessem do cinema um sacerdócio, uma vida de sacrifício e não um devaneio romântico da adolescência — um dia, muitas dessas promessas poderiam ser espantosas e deliciosas realidades. Ou não está disso convencido o nosso leitor que protesta? o nosso leitor que, com certeza, faz versos nas horas vagas... Faz versos e não é, que saibamos, um Verlaine, nem um Fernando Pessoa, nem um Junqueiro... Vê?

Poderíamos dizer-lhe agora: não faça versos... Mas porquê? quem nos garante que amanhã não temos de apiar a estátua de Camões para a substituir pela sua?

Mais uma vez insistimos: haja continuidade, haja profissionalismo! Representar é difícil, tão difícil que o próprio nível de interpretação de Greta Garbo nem sempre é o mesmo e Robert Donat levou anos para um dia nos poder dar a inesquecível criação de «Adeus, mister Chips!»

Esperamos que um dia todos nos acreditem que não é preciso variar constantemente de elementos, mas sim manter os que estão e aperfeiçoá-los, e melhorá-los para honra e glória da cinematografia portuguesa.

MOTA DA COSTA

ANIMATÓGRAFO não se julga na obrigação de criticar todos os filmes que se exibem entre nós.

A omissão de alguns não representa necessàriamente uma atitude crítica determinada.

VER OUVIR... E FALAR

Há precisamente oito anos, um grupo de pessoas trabalhava, entusiasticamente, na realização de uma idéia generosa, patriótica, utilíssima. Levados pelo seu sonho viram-se logo envolvidos, em toda a sua nitidez, por certo aspecto bem característico do nosso temperamento: a inveja.

O que se inventou, o que se disse, o que se escreveu! Criaram-se, até, lendas terríveis, pressagiando desastres, ruínas, derrocadas! A má língua indígena inventara que o estúdio não ia por diante. E chegou-se a dizer que os muros não aguentavam o telhado.

Era um nunca mais acabar de atoardas, de novas notícias tétricas. No fundo de certos cafés, havia meia dúzia de sujeitos que fabricavam à sucapa essa espécie de moeda falsa para logo a pôrem a circular, muito satisfeitos com êles próprios.

Êsse grupo de homens, cujos nomes não importa pois basta que os apreciemos pela sua energia, não ligou meia às conspirações. Nem sequer reagiu com uma publicidade clara, insofismável, que dissipasse a intrigalhada tão espessa como um nevoeiro de Londres.

Deram tempo ao tempo. Preferiram, antes de mais nada, pôr o estúdio de pé. E andaram bem, porque concorreram da maneira mais indicada para a criação da indústria do cinema português.

Nós próprios fizemos alguns reparos. Discordámos de algumas medidas. Mas nós nos foi a consciência de termos atraiçoado a idéia generosa do estúdio ou a vastidão da sua missão. Discordar não é duvidar...

Nos anos, que se seguiram, muitas coisas se registaram. Houve «mutações à vista», houve confusão, houve desinterêsse — mas nós continuámos sempre fiéis ao nosso optimismo, esperançados em ver sempre em cada ano novo o sol mais brilhante, a vida mais bela no panorama do cinema nacional. E quando, às vezes, estávamos quási a desanimar, íamos namorar a quinta das Conchas e, com os olhos razos de optimismo, visitar certas exposições das Belas Artes ...

Assim, alimentei o meu fôgo sagrado durante anos e, assim, continuarei a alimentá-lo. Podem chamar-me louco, mas não desisto da certeza de que a indústria dos filmes portugueses acaba por ter a regularidade matemática de uma máquina perfeita. Não terá, evidentemente, os horizontes vastos dos exemplos estrangeiros, mas tudo acabará por entrar nos eixos.

Entretanto, continuamos a esperar, na primeira linha, firmes no nosso optimismo de cinéfilo veterano, por dever de ofício que vem desde o tempo das ilusões.

Lentamente, (a própria estreiteza do mercado não é alheia ao facto) o cinema português lá vai subindo a difícil ladeira que começou a trilhar há oito anos. E há-de chegar lá cima — mesmo que para isso tenhamos de registar mais «mutações à vista»...

AUGUSTO FRAGA

CARTAS DUM CINÉFILO

Director dum anjo:

Estou contentíssimo. Com que então o meu pai, que não podia com o cinema também já é cinéfilo! Isto é uma grande vitória para nós. Ponha-o lá em sócio do «Clube do Animatógrafo», que êle é cinéfilo dos antigos, pois até viu o «Contramestre Incendiário».

Agora o que eu não sei é se êle lhe escrevera esta semana porque a minha mãi descobriu tudo e pôs-lhe um ôlho à Belenenses. Lá no talho o meu pai até nem tem roubado no pêso porque só vê com um ôlho e a minha mãi anda lá por casa a dizer que vai escrever ao Clark Gable a pedir-lhe o retrato.

Aquilo é conversa; é só para fazer ciúmes. E ainda a minha mãi não percebeu que o meu pai pediu o retrato dum homem. Sim porque Melvyn é nome masculino. O meu pai fez mal em não me ter falado antes de escrever porque eu, que já sei o meu bocado de americano tinha explicado que Melvyn é nome de homem e Greta é de mulher. Se a minha mãi descobre esta confusão estou convencido que se dá uma vaga na classe dos cortadores.

Mas como lhe digo isto é uma grande vitória para nós. Conquistámos mais um cinéfilo. Já descobri que o meu pai vai duas vezes por semana ao cinema. No dia de Natal foi ver o «Primeiro Amor de Gata Borralheira» e diz que a Deanna é carne limpa; depois disso foi ver o «Robin nos Bosques» e diz que o Errol Flynn é pojadouro do melhor Êle agora anda com vontade de ver uma fita portuguesa, mas eu estou com mêdo que êle depois perca o entusiasmo que tem pelo cinema e diga que as nossas fitas são do lado da cabeça.

E eu ando cá com uma ideia que não me parece má. Vou ver se convenço o meu pai a trespassar o talho com balanças e tudo para depois financiar uma fita que eu realizaria. Com o lucro da fita êle depois compra outro talho. Que tal a ideia? Não é má, pois não? Estou convencido que com mais duas ou três pessoas de iniciativa como eu em breve o Lumiar seria a Hollywood portuguesa.

Sem mais receba um abraço meu e outro do meu pai.

Ignácio da Purificação

P. S. Isto de trespassar o talho por enquanto fica entre nós Como sabe o meu pai é um bocado bruto e pode não perceber que isto da fita é de lucro garantido e é capaz de se vingar em mim do que a minha mãi lhe fez.

I. da P.

A GALERIA DO «ANIMATÓGRAFO»

Êste número inclue dois Retratos-Brinde que não podem ser vendidos separadamente, e que todos devem exigir aos vendedores dêste jornal.

VIDA CORPORATIVA

E' já depois de amanhã que se realiza a primeira aula dos Cursos do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema. A iniciativa demonstra assim não ser simples fogo-de-vistas, promessa vã para associado ver. Aliás, a actual Direcção do Sindicato tem provado numerosas vezes que não se contenta com promessas. As coisas que ainda não conseguiu realizar — e entre elas avulta, como a mais importante, o contrato colectivo — realizá-las-á no momento que julgar mais oportuno e mais próprio a obter as regalias a que os profissionais têm jus. Bastaria a complexidade de tal contrato, que deve abranger todas as categorias dos três ramos da actividade cinematográfica — produção, distribuição, e exibição — para justificar longa ponderação e aturado estudo. Exemplos há de contratos feitos à pressa que se revelaram mais prejudiciais do que benéficos.

Embora nos tenhamos já ocupado largamente dos referidos Cursos, há esclarecimentos inéditos que de-certo interessam sindicados e leitores.

O Curso de Projeccionistas compreende três disciplinas:

I—ÓPTICA E FÍSICA CINEMATOGRÁFICAS (entendendo-se por esta designação a parte da Óptica e da Física Geral que se aplicam directamente à Cinematografia). — As lições teóricas serão ministradas pelo sr. António Barata, aluno do Instituto Superior Técnico.

II—MECÂNICA E DESENHO DE MÁQUINAS (aplicados também à Cinematografia). — Dirige as lições teóricas o sr. Arlindo de Macedo, também aluno do I. S. T.

III — ELECTRICIDADE GERAL — A teoria será leccionada pelo sr. Plácido Pires, condiscípulo no I. S. T. dos outros leccionadores.

OS CURSOS E OS GRÉMIOS

Nunca será demais salientar a dedicação dêstes três estudantes, a quem o Sindicato e o Cinema Português ficarão devendo um alto serviço.

A parte prática das três disciplinas indicadas será leccionada pelos srs. Américo Alves Vieira (Mecânica), Joaquim Teixeira (Projecção fotográfica e sonora) e Alberto Tavares (Electricidade), três projeccionistas de reconhecida competência e que gozam da estima e consideração de todos os seus camaradas. A prontidão com que aceitaram o encargo não tão ameno quanto pode parecer — é tanto de louvar como a dos restantes dirigentes do Curso.

As aulas realizam-se todas as segundas, quartas e sextas e começam às 18 horas.

As aulas do Curso de Revisoras também começarão muito próximamente.

Tivemos há dias uma conversa com um director dum Grémio cinematográfico. Queixou-se-nos amargamente da «atmosfera» reinante no organismo corporativo que dirige. Infelizmente a maioria dos associados — dizia-nos — não compreende que vivemos em época muito diversa daquela em que começaram a negociar. Mesmo aqueles de fundação relativamente recente deveriam sentir, pela simples leitura dos jornais, que os tempos mudaram muito — e que vão mudar mais ainda. O corporativismo será, amanhã, a única doutrina aceita para reger as relações do capital e do trabalho, o único sistema capaz de equilibrar interêsses de patrões e de empregados.

— Porque será que há quem teime em viver numa época que não é a sua?

E o nosso interlocutor relatava amargamente as dificuldades com que se debatia para reúnir um número suficiente de associados para tomar a mais singela resolução.

Preguntámos, admirados, se isso era necessário. Uma direcção precisa de reúnir muitos associados — o que corresponde, pràticamente, à convocação duma assembleia geral — para resolver sôbre os assuntos pendentes? Então porque é direcção, e eleita exactamente por êsses associados, uma vez por ano?

Sorriu. Encolheu os ombros (presumimos que encolheu, porque a conversa era telefónica).

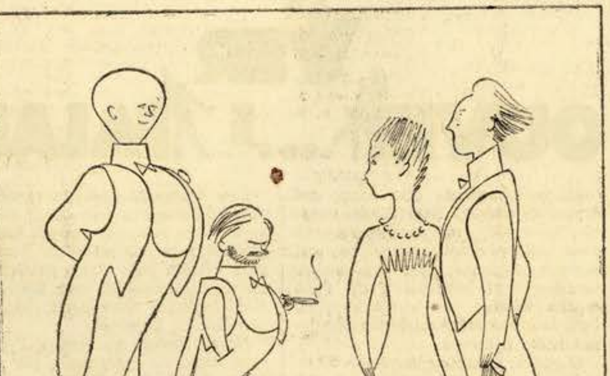
Ficámos tristes.

Não julgamos possível sair duma incerteza geral sem o recurso à organização corporativa. E, se ela existe, não julgamos prático, pelo menos, procurar qualquer outra solução.

Porque foi tudo isto o que nos disse o dirigente dum Grémio cinematográfico.

E, se não disse exactamente isto — deveria ter dito, porque sabemos que é assim.

O PEQUENO E O GRANDE



— Aquele que ali está é um grande realizador.
— Qual? O careca?
— Não, o outro. O de cá é um pequeno realizador sem importância.



O conhecido produtor Rod Chicken, a quem o cinema deve, entre outras coisas, algum dinheiro, elaborou uma tabela de ordenados para os elementos que trabalham nos filmes, com a qual poderá fazer cinema a preços populares. A tabela não está, ainda, completamente elaborada e encontra-se em estudo, sendo possível que sofra ainda algumas reduções. No entanto, em princípio, os ordenados são os seguintes:

Realizador, magro	*2$50*
Realizador, gordo	*3$00*
Operador	*15$75*
1.º Assistente	*1$80*
2.º Assistente	*$90*
Galã	*2$35*
Vedeta	*3$00*
Outros artistas	*1$45*

Nesta tabela não estão incluídos os impostos profissional e do desemprêgo, que serão pagos pelo próprio. O operador, que tem o ordenado mais chorudo, terá a seu cargo a compra do filme e a limpeza das máquinas. E' possível que os ordenados dos assistentes venham ainda a ser reduzidos posteriormente, pois na opinião de Rod Chicken como são para assistir ainda devem pagar por cima... Também é possível que os ordenados dos realizadores sofram alterações, pois na opinião do mesmo produtor um realizador gordo pode muito bem estar uns dias sem comer, pois tem no corpo calorias suficientes para fazer dois filmes. Esta medida é digna dos maiores aplausos, pois vai dar um grande incremento à industria do cinema. O mesmo produtor está, também, na disposição de, caso esta tabela seja aceita, o que é quási certo, pois ela é justa, de pagar os enterros aos contratados que faleçam completamente durante as filmagens, com a condição de o contemplarem nos respectivos testamentos.

O HOMEM SOMBRA

Os candidatos À TAÇA E ÀS MEDALHAS do «Animatógrafo»

OS FILMES

«ADEUS, MISTER CHIPS!»
(Good-bye, Mister Chips! — M. G. M.)

«ALIANÇA DE AÇO»
(Union Pacific — Paramount)

«ASSIM NASCEU O CINEMA»
(Hollywood Parade — Fox)

«AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES»
(The Adventures of Robin Hood — S. I. F.)

«DE BRAÇO DADO»
(Babes in Arms — M. G. M.)

«O FEITICEIRO DE OZ»
(The Wizard of Oz — M. G. M.)

«O FIM DO DIA»
(La Fin du Jour — S. I. F.)

«FUI UMA AVENTUREIRA»
(J'étais une aventurière — S. I. F.)

«A GRANDE VALSA»
(The Great Waltz — M. G. M.)

«IDÍLIO MUSICAL»
(Broadway Melody of 1940 — M. G. M.)

«INTERMEZZO»
(Intermezzo — Sonoro Filme)

«JUSTIÇA DE JESSE JAMES»
(Jesse James — Fox)

«OS LOUCOS DIVERTEM-SE»
(Idiot's Delight — M. G. M.)

«MALDIÇÃO DA ÍNDIA»
(The Rains Came — Fox)

«MEU FILHO E MEU RIVAL»
(My Son, My Son — Sonoro Filme)

«O MONTE DOS VENDAVAIS»
(Wuthering Heights — Sonoro Filme)

«MULHERES»
(The Women — M. G. M.)

«NINOTCHKA»
(Ninotchka — M. G. M.)

«NOSSA SENHORA DE PARIS»
(The Hunchback of Notre Dame — Rádio)

«OUVEM-SE TAMBORES AO LONGE»
(Drums among the Mohawk — Fox)

«PARAÍSO INFERNAL»
(Only Angels have Wings — Aliança)

«PIGMALEÃO»
(Pygmalion — Nacional Filmes)

«PINOCCHIO»
(Pinocchio — Rádio Filmes)

«O PODER DAS TREVAS»
(Night Must Fall — M. G. M.)

«PRIMEIRO AMOR DE GATA BORRALHEIRA»
(First Love — Filmes Alcântara)

«QUANDO O OUTRO DIA CHEGOU»
(When Tomorrow Comes—Filmes Alcântara)

«AS QUATRO PENAS BRANCAS»
(The Four Feathers — Sonoro Filme)

«O REGRESSO DE FRANK JAMES»
(The Return of Frank James — Fox)

«SINFONIA DOS TRÓPICOS»
(Down Argentine Way — Fox)

«SOMBRAS DA RUA»
(Primrose Path — Rádio Filmes)

«AS TRÊS RAPARIGAS CRESCERAM»
(Three Smart Girls Grow Up — Filmes Alcântara)

«A VIDA DUMA OUTRA»
(Stolen Life — Paramount)

Cumprindo o programa anunciado no nosso último número, publicamos hoje as listas dos filmes e dos artistas candidatos à Taça e às Medalhas de «Animatógrafo». A primeira foi elaborada pelo Júri de Admissão, sôbre as relações de todos os filmes estrangeiros estreados em Lisboa em 1940, fornecidos pelas casas distribuidoras. Escrevemos «estreados em Lisboa» e não «em Portugal» (ao contrário do que se fizera no número anterior), por se ter verificado que seria pràticamente impossível considerar também os filmes apresentados no Pôrto pela primeira vez em Portugal, e que, nesta altura, Lisboa ainda não viu, o que impede o júri de os julgar.

Portanto, fica entendido que tanto os filmes como os artistas candidatados foram seleccionados apenas entre os apresentados em Lisboa de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1940.

Convém observar o seguinte, para evitar confusões: o facto de determinado filme não ser candidato à Taça do «Animatógrafo» não impede que uma interpretação notável dêsse mesmo filme seja candidatada à Medalha respectiva. A simples comparação, aliás, das listas de candidatos que hoje publicamos, esclarecia devidamente êste ponto.

Durante a reünião do Júri de Admissão, realizada para se seleccionarem os candidatos, foi levantado um problema da maior importância — ao qual, por isso mesmo, não queremos deixar de fazer aqui referência. A questão largamente discutida, pode resumir-se nas seguintes preguntas: Deverá candidatar-se «Pinocchio» no mesmo pé de igualdade dos outros filmes, e a figura do «Sr. Grilo» como qualquer outra grande interpretação dêste ou daquele actor?

O problema levantou largo debate, acêsa controvérsia. Houve quem argumentasse no sentido de uma resposta negativa, tanto num caso como noutro; houve quem defendesse a candidatura de «Pinocchio» e não admitisse a do «Sr. Grilo»; e houve quem se batesse pela candidatura de um e de outro. Poderá avaliar-se a soma de argumentos utilizados, a vivacidade que o debate alcançou — apenas pelo enunciado acima traçado... Não cabe aqui fazer sequer o resumo da discussão, do choque de opiniões verificado. Ele teve, aliás, interêsse mais do que suficiente para merecer num dos próximos números a honra de uma página do «Animatógrafo». Por agora basta dizer que os sete redactores da nossa revista que compõem o Júri de Admissão se puzeram de acôrdo para terminar a controvérsia com uma votação que resolvesse todos os antagonismos sem apêlo. Uma vez essa votação realizada verificou-se que apenas dois membros do Júri — Fernando

(Continua na página 17)

OS ACTORES

AKIM TAMIROFF
(Pela sua interpretação em «Aliança de Aço», «Vidas Heróicas» e «Uma Mulher Indomável», da Paramount)

CARY GRANT
(em «Paraíso Infernal», da Aliança Filmes, e «Minha Mulher Favorita», da Rádio Filmes)

CHARLES LAUGHTON
(em «Nossa Senhora de Paris», da Rádio Filmes)

CLARK GABLE
(em «Os loucos divertem-se», da M. G. M.)

DAVID NIVEN
(em «Raffles» e «O Monte dos Vendavais», da Sonoro Filme, e «Mãezinha à Fôrça», da Rádio Filmes)

DON AMECHE
(em «Assim nasceu o Cinema», da Fox)

ERROL FLYNN
(em «As Aventuras de Robin Hood», da S. I. F.)

GEORGE BRENT
(em «Maldição da Índia», da Fox)

HENRY FONDA
(em «Ouvem-se tambores ao longe» e «O Regresso de Frank James», da Fox)

LAURENCE OLIVIER
(em «O Monte dos Vendavais», da Sonoro Filme)

LESLIE HOWARD
(em Pigmaleão», da Nacional Filmes, «Intermezzo», da Sonoro Filme, e «A Comédia do Amor», da S. I. F.)

MELVYN DOUGLAS
(em «Ninotchka», da M. G. M.)

MICHEL SIMON
(em «O Fim do Dia», da S. I. F.)

MICKEY ROONEY
(em «De braço dado» e «O novo amor de Andy Hardy», da M. G. M.)

ROBERT DONAT
(em «Adeus, Mister Chips!», da M. G. M.)

ROBERT MONTGOMERY
(em «O Poder das Trevas», da M. G. M.)

RONALD COLMAN
(em «Duas Cidades», da M. G. M.)

THOMAS MITCHELL
(em «Paraíso Infernal», da Aliança Filmes)

VICTOR FRANCEN
(em «Príncipe de Gales», de Filmes Castelo Lopes, e «O Fim do Dia», da S. I. F.)

AS ACTRIZES

ALICE FAYE
(Pela sua interpretação em «Assim nasceu o Cinema» e «O despertar duma cidade», da Fox)

CAROLE LOMBARD
(em «Noites de Angústia», da Rádio Filmes)

CLAUDETTE COLBERT
(em «Ouvem-se tambores ao longe», da Fox)

DEANNA DURBIN
(em «As Três Raparigas cresceram», «A Idade das Ilusões» e «Primeiro Amor de Gata Borralheira», de Filmes Alcântara)

EDWIGE FEUILLÈRE
(em «Fui uma Aventureira», da S. I. F.)

ELISABETH BERGNER
(em «A Vida duma Outra», da Paramount)

GINGER ROGERS
(em «Mãezinha à Fôrça» e «Sombras da Rua», da Rádio Filmes)

GREER GARSON
(em «Adeus, Mister Chips!», da M. G. M.)

GRETA GARBO
(em «Ninotchka», da M. G. M.)

INGRID BERGMAN
(em Intermezzo», da Sonoro Filme)

IRENE DUNNE
(em «Quando o outro dia chegou», de Filmes Alcântara, e «Minha Mulher Favorita», da Rádio Filmes)

JEAN ARTHUR
(em «Paraíso Infernal» e «Bigamia», da Aliança Filmes)

JUDY GARLAND
(em «O Feiticeiro de Oz» e «De braço dado», da M. G. M.)

MERLE OBERON
(em «O Monte dos Vendavais», da Sonoro Filme)

NORMA SHEARER
(em «Os loucos divertem-se» e «Mulheres», da M. G. M.)

WENDY HILLER
(em «Pigmaleão», da Nacional Filmes)

OS GRANDES INQUERITOS DO "ANIMATÓGRAFO"

Quais os romances portugueses próprios à adaptação cinematográfica?

JÚLIO DANTAS, AGOSTINHO DE CAMPOS, AQUILINO RIBEIRO, MANUEL RIBEIRO, FERREIRA DE CASTRO, VITORINO NEMÉSIO E GASPAR SIMÕES

respondem à pregunta do nosso colaborador **CONSIGLIERI SÁ PEREIRA**

Algumas semanas de trabalho. Melhor: — de preocupação. Instrumentos: o telefone, o «eléctrico», o «taxi», o bilhete postal e, finalmente... as pernas. Mas todos aqueles escritores celebrados justamente e que o colaborador do «Animatógrafo» quási a diário encontra, pareciam combinados para lhe multiplicarem a fadiga de tão largas excursões.

Finalmente, eis aqui os que se atrevem a responder à pregunta na aparência inocente da revista criada pela alma e carne de António Lopes Ribeiro:

JÚLIO DANTAS ABSORVIDO PELOS CENTENÁRIOS, NADA NOS DIZ...

O primeiro dos nossos autores vivos, Júlio Dantas, presidente da Academia das Ciências, rodado no cinema, quási não existe já... O quási absolve-nos de maus designios. E' que o ilustre escritor, glória da nossa literatura, se encontra esgotado por seis meses de trabalho extenuante. Os Centenários representam para êle a criação de formosas peças literárias, assombro de próprios e extranhos; e, simultâneamente, um esfôrço dantesco — sem «calembourg».

Ao fim de vários dias de improfícuas pesquisas, logramos alguns minutos de afável convívio com êsse tenaz guardião da nossa língua. Recebe-nos no seu gabinete dos Centenários da Independência e Restauração. E' a figura amiga de sempre, o benévolo prefaciador de um olvidado volume do autor dêste inquérito, e o amigo de alguns dias de intimidade nas termas galaicas de Mondariz. Não o víamos há anos. E' a mesma figura de sempre. Fidalgo na educação e conceito; plebeu na rápida adaptação a meio século de história convulsionada por jactos de sangue; sábio de bem dizer e escrever; burguês desta boa cidade de Lisboa; amigo dos seus amigos, sem altivez e sem familiaridades.

Agora, está cansado. Seis meses a esgrimir a pena de mestre em oratória gentil e romântica, ante delegações estrangeiras que deixou estupefactas, e nacionais — incluídos os irmãos brasileiros — às quais assombrou com o feixe multicolorido do seu talento, constituem sobeja explicação das rugas passageiras que lhe cruzam a fronte nobre e serena.

Abraça-nos. Desculpa-se, sòbriamente. A imensidade da sua tarefa é visível. Fala-nos com entusiasmo de António Lopes Ribeiro. E', para êle, o criador do jornalismo cinematográfico; a raiz latente e prometedora do próprio cinema português; a certeza, exuberante de vitalidade e de jovialidade moça, pintalgada de sedutora boémia, de uma equilibrada orientação dos futuros produtos da nascente produção lusitana...

— Abrace-o, por mim. Ele sabe quanto o estimo. Acompanho com simpatia imensa o seu esfôrço colossal. Mas, agora, não me pertenço. Até de madrugada, até que o sol nasce preparo os trabalhos dos Centenários. Cinco, seis da manhã... Abrace-o. Lealmente, amigàvelmente. Por agora, nada mais. Constituo-o meu embaixador...

Retine, tenaz, um telefone. Surge um contínuo, rígido na farda regulamentar:

— Senhor doutor...

— Que é?

— O senhor Presidente do Conselho deseja falar a V. Ex.ª

Fito-o, na minha pobreza inexcedível, embora limpa, e felicito-me por desconhecer o calvário das consagrações.

O PROF. DR. AGOSTINHO DE CAMPOS SUGERE «A CIDADE E AS SERRAS»

Ainda que atingido pelo limite de idade, quem o veja, vivaz e pertinaz, olhar límpido, quási todos os dias passar no Chiado, não acreditará ser aquele o senhor professor dr. Agostinho de Campos.

Há um ano e meses, recolhido à sua residência modesta da rua Rodrigo da Fonseca, o meu amigo e professor dr. Hernani Cidade pediu-me que lhe servisse de «cicerone» naquele labirinto de construções semi-erguidas; e, nalguns casos, por erguer, mas já com tapumes. Não quis descontentar aquele meu prezado amigo e, finalmente, logramos descobrir a residência do dr. Agostinho de Campos. Deixei-lhe um bilhete, na companhia do sr. professor dr. Hernani Cidade — para não fazer figura de guarda-nocturno.

Agora, volto. O sr. professor Agostinho de Campos recebe-me agradàvelmente. Feita a pregunta dêste inquérito, logo esboçou a resposta; suspendeu-a, porém, a fim de melhor a clarificar por escrito.

Agradeci-lhe. — Ficarei, assim, com um autógrafo de V. Ex.ª, senhor dr. professor Agostinho de Campos...

Dias decorridos, recebia as seguintes linhas:

— Procurou-me e pediu-me que lhe dissesse, por escrito, para fins de inquérito jornalístico da revista «Animatógrafo», que romance português deveria ser posto em fita de cinema, no meu entender. Lembro que Eça de Queiroz não foi ainda aproveitado para tal efeito e que «A Cidade e as Serras» daria uma fita variada, animada e portuguesissima.

VITORINO NEMÉSIO DEFENDE «AMOR DE PERDIÇÃO» E «AS PUPILAS»

Com comovida e solicita fraternidade, insisto com Vitorino Nemésio para que arranque alguns minutos aos seus afazeres da Faculdade de Letras e responda ao «Animatógrafo». Desde o primeiro dia em que êste açoreano estudioso, tenaz e «talentudo», como diria um espanhol da rua, desembarcou em Lisboa, acompanhei a sua desesperada luta com destinos contrários. De todos, agora, triunfou. Continua a ser o mesmo rapazinho de sempre. Revejo-o, na saùdade deformadora do meu coração, numa «república» da rua dos Militares presidida por um heróico boémio, falecido há poucos anos, o dr. Matos Graça, que já não sabia viver fora dali. De quando em quando reencontrávamo-nos, abraçavamo-nos e os seus triunfos tinha-os por meus. Jamais um esbôço de mal-entendido maculou a nossa amizade, embora passageiramente.

Pois aqui o temos em Lisboa, a êste Benjamim dos nossos capelos azues, após milhares de borrascas. A última, dissipou-a quem para tanto tem poder promovendo a sua nomeação após uma carta nobre, digna, equilibrada, sensata — uma carta que honra o autor de «A Mocidade de Alexandre Herculano». Não consigo, não posso, dentro de tôda a minha reverência, tratá-lo por doutor professor Vitorino Nemésio. De resto, êle seria o primeiro a zangar-se...

Responde-nos, portanto, com as seguintes linhas de uma modéstia admirável:

— Não sou cineasta, nem sequer cinéfilo, — pois creio que para se ter direito a êste título é preciso estar pelo menos duas horas por noite às escuras e ter em dia os signos e constelações de Hollywood. Mas, como gosto de filmes e as relações entre a literatura e as mais artes são preocupações do meu ofício, sempre direi alguma coisa sôbre o romance e a película.

Eu creio que o verdadeiro romance cinematográfico tem de ser concebido fotogènicamente e escrito em celuloide. Talvez um realizador que de repente descubra em si o génio da ficção romanesca; talvez um romancista que o cinema solicite no seu próprio vocabulário. As fortes influências do cinema na técnica de alguns escritores estrangeiros contemporâneos já aponta em direcção a um verdadeiro romance-filme.

Emquanto se não define êsse novo género, híbrido de palavra e de foto-imagem, os realizadores terão de procurar nos romances um simples ponto de partida para as suas recriações cinemáticas, e raramente uma «transcrição», em termos de cinema, da obra romanesca tal qual o autor literàriamente a inventou e exprimiu. Quer dizer, o que se tem procurado com a montagem de «Os Miseráveis», ou de «Os Irmãos Karamazov», é, tanto ou mais do que um esquema de intriga animada, a colossal celebridade de Vitor Hugo e de Dostoievsky, a voga mostruosa daqueles livros (aliás de valor romanesco desigual).

Haverá romance cinematografado que não traga ao «écran» uma versão diferente da do livro? Digo uma versão alterada, com variantes de situação, incidentes omitidos ou novos? Desconfio... Ora, insisto: ou o cinema tem meios de interpretar, na sua própria linguagem, uma ficção romanesca prèviamente expressa em livro, sem faltar ao respeito à integridade dêsse livro como criação acabada, — ou não tem, e, nesse caso, trate de criar directamente o romance-filme.

Em Portugal? Romances portugueses que prometam enchentes? E' claro: o «Amor de Perdição» e «As Pupilas do Senhor Reitor». Com êste, foi o que se viu... De mais a mais, que se pode espera de tão frágil romance senão uma espécie de filme-opereta? Quando muito, um quadro bucólico, um belo documentário da região do Vouga com um fio de intriga lírica.

Com o «Amor de Perdição», poderia talvez tentar-se ainda uma espécie de filme «larmoyant», com larga margem para o pitoresco, o folclore, a história, emfim os mil e um recifes em que tem naufragado o cinema nacional. Apesar do fortíssimo tema português que ali está, e de que o próprio Camilo não tirou novelisticamente tôdas as conseqüências.

FERREIRA DE CASTRO LEMBRA EÇA DE QUEIROZ E AQUILINO RIBEIRO

Outro velho jovem amigo: Ferreira de Castro, consagrado pelo aplauso do seu público de muitos milhares de leitores-compradores. Desconto, desde logo, aqueles que, para desespêro do editor respectivo, o simpático cavalheiro que é Paulo Martins Cabral, sócio-gerente da Livraria Guimarães, os fazem circular de mão em mão.

Feita a pregunta do inquérito, tão conhecidas e apreciadas são as nossas boas relações de amizade, que não me atrevo a acrescentar uma só palavra de elogio. Ferreira de Castro responde por si mesmo da forma que segue:

— Nunca me fixei nisso. Julgo, porém, que, desde Eça de Queirós aos nossos mais jovens escritores, há vários romances portuguese que dariam excelentes filmes. Não estará, porventura, na «Relíquia», uma interessantissima comédia? E na «Cidade e nas Serras», embora a parte final seja bastante convencional e burguesa, não se encontrará, igualmente, argumento para um filme? A «Batalha sem Fim» de Aquilino Ribeiro, daria também uma magnífica película. Mas estou a cometer, sem o desejar, uma injustiça, citando apenas dois nomes e isto por nunca haver pensado no assunto. Mas tenho a certeza de que poderia citar muitas outras obras de muitos outros autores.

AQUILINO RECORDA «O GAROTO DE LISBOA» E «EM BUSCA DE NOIVA»

Jovial, expansivo, êste eterno rapagão das Beiras, sempre moço para bem da literatura contemporânea, gasta todo o seu tempo entre o lar, na Cruz Quebrada; a Livraria Bertrand e a «Brasileira do Chiado». Vive aparafusado à tirania do combóio ou do «eléctrico» que o conduz até ao Dafundo. Gosta de caminhar e é sempre explêndidamente beirão. Concluídas algumas «fôlhas» de novo livro, vem entregá-las ao editor. Trabalha imenso. Como no primeiro dia, vive numa modéstia aconchegada. Basta-lhe, porém, encontrar-se com os seus fiéis amigos de sempre, a começar no nosso «anatoliano» Gualdino Gomes para concluir no menos velho dos freqüentadores do café-feiticeiro do Chiado, o dr. Manuel Anselmo, e tanto basta. A recompensa sobra-lhe e gosta de paladear a vida «alfacinha».

Ali o encontro e lhe faço a pregunta ritual. Logo responde, a lápis, num matraquear fulminante de metralhadora sem balas:

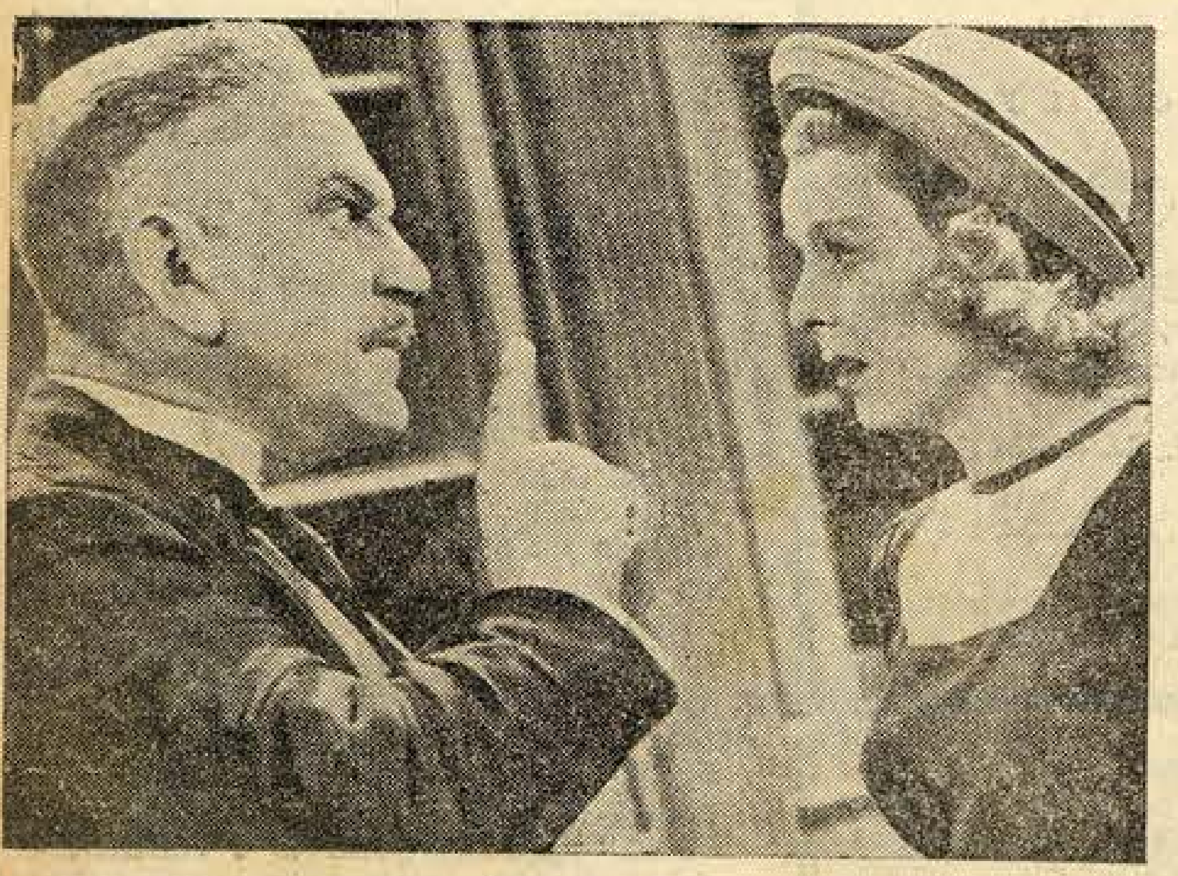
— Suponho que não tenho livros que possam ser planificados. Quanto a autores modernos, desconheço quais estejam nas boas condições. Lembro-me, um pouco atrás dos nossos tempos, de «O Garoto de Lisboa» e «Em busca de noiva».

JOÃO GASPAR SIMÕES PROPÕE A CRIAÇÃO DUMA LITERATURA PRÓPRIA

Encontramos êsse apreciado e conceituado crítico e autor português — mantenedor, durante anos,

(Continua na página 15)

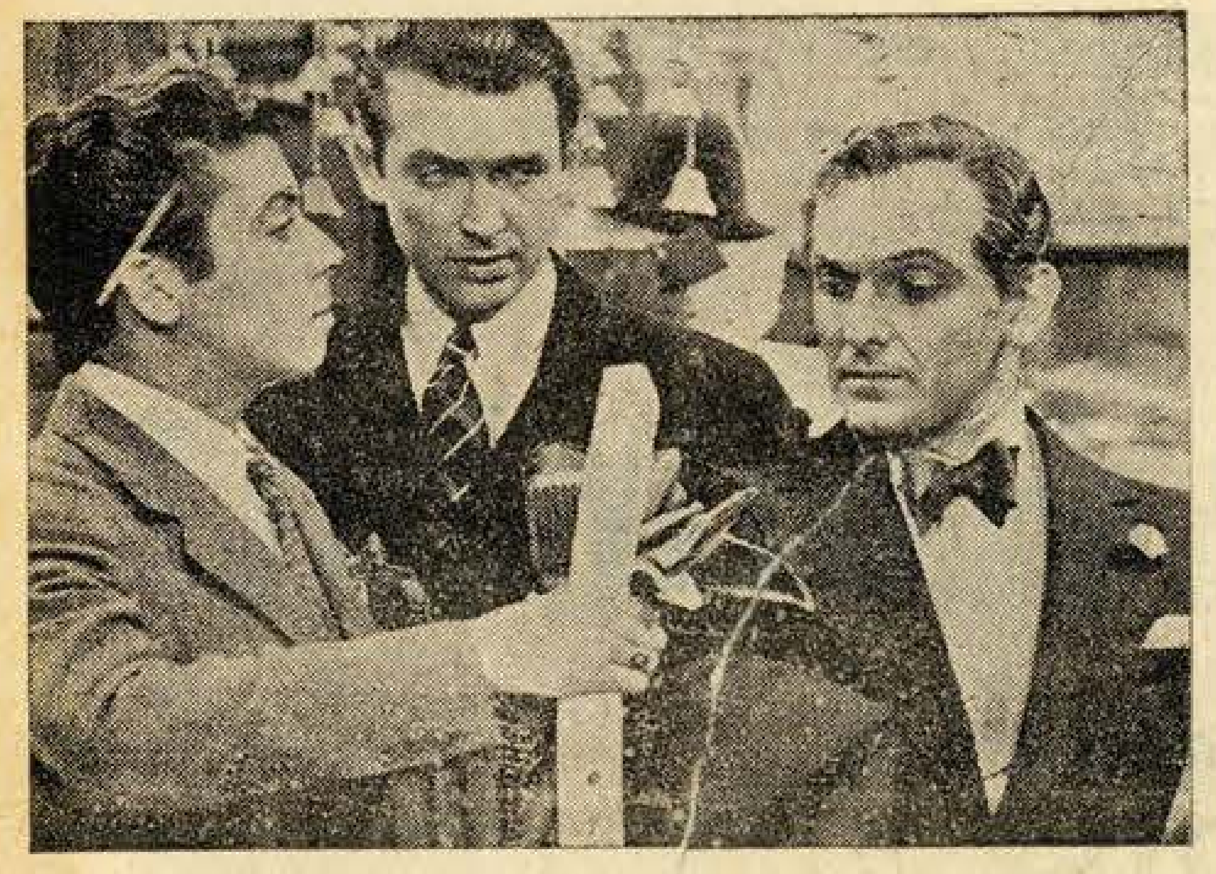
ALGUMAS CENAS DA PRODIGIOSA COMÉDIA «A LOJA DA ESQUINA» — O ÊXITO MAGNÍFICO E TRIUNFAL ALCANÇADO POR LUBITSCH LOGO A SEGUIR A «NINOTCHKA»!



UM DOS SEGREDOS DA ASSOMBROSA CARREIRA DE «NINOTCHKA» FOI, SEM DÚVIDA, A MAGISTRAL DIRECÇÃO DE ERNST LUBITSCH — COM JUSTIÇA CONSIDERADO O GRANDE FEITICEIRO DO RISO. OUTRA CARACTERISTCA DE «NINOTCHKA» E, EM GERAL, DE TODOS



OS FILMES DE LUBITSCH É O ELENCO DE ACTORES, EM QUE FIGURAM SEMPRE NOMES CONSAGRADOS. POR ISSO, EM «A LOJA DA ESQUINA», O FAMOSO REALIZADOR PROCUROU MAIS UMA VEZ, REUNIR ALGUNS DOS MAIORES «ASES» DA COMÉDIA. NA PRI-



MEIRA FOTOGRAFIA — A DA ESQUERDA — VEMOS MARGARET SULLAVAN E FRNK MORGAN. NA SEGUNDA, A PAR DO IMPAGÁVEL JAMES STEWART, FIGURA FELIX BRESSART, CUJOS MÉRITOS DE COMEDIANTE JÁ CONHECEMOS DE «NINOTCHKA». NA TRCEIRA,



PODEMOS VER, TAMBÉM, JOSEPH SCHILDKRAUT E O JOVEM WILLIAM TRACY, QUE É UMA ESPANTOSA REVELAÇÃO E A QUEM CHAMAM JÁ «O GRANDE RIVAL DE MICKEY ROONEY». (...MAIS UM FILME DA METRO-GOLDWYN-MAYER, A ESTREAR NO «SÃO LUIZ»...)



SPENCER TRACY

HEDY LAMARR

Quando Spencer Tracy diz a Hedy Lamarr, apaixonadamente, «ESTA MULHER É MINHA!», todos estremecem ao pensar que o amor é, por vezes, mais forte que as nossas fôrças e que o encontro de uma bela mulher com um homem impetuoso pode justificar, plenamente, o êxito retumbante dum filme...

ÊLE... INTEIRAMENTE DIFERENTE...
APAIXONADO... TERNO... ROMÂNTICO...
SEMPRE GIGANTESCO!... SEMPRE IDOLATRADO!
ELA... SEMPRE ESTONTEANTE...
VOLUPTUOSA... LOUCA DE AMOR...
AINDA MAIS BELA!... AINDA MAIS SEDUTORA!
— A Mais Inspirada Combinação De Estrêlas, No Maior Romance De Amor Filmado Em Hollywood!
— A HISTÓRIA ROMÂNTICA DUMA RAPARIGA LEVIANA QUE TINHA CONHECIDO MUITOS HOMENS, MAS QUE NADA SABIA ACÊRCA DO AMOR E DA PAIXÃO!

Esta mulher é minha!

UMA SOBERBA REALIZAÇÃO DE
W. S. VAN DYKE
PARA A METRO-GOLDWYN-MAYER

7

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

O par de «ROBIN DOS BOSQUES» ERROLL FLYNN e OLIVIA DEHAVILLAND reaparece em «SANTA FE TRAIL» da W. B.

O êxito triunfal de «Robin Hood», que a S. I. F. estreou no Politeama, veio chamar a atenção para um dos mais simpáticos pares que o cinema nos tem mostrado—a elegancia varonil de Errol Flynn e a simpatia encantadora de Olivia de Havilland, que «Capitão Blood» nos mostrara já.

Pois agora vão, uma vez mais, aparecer juntos num novo filme de Warner Bros, intitulado «Santa Fé Trail», e que tem por quadro um dos mais vigorosos e empolgantes momentos da história da América, no tempo em que os pioneiros contribuiam com o seu esfôrço e o seu sangue para a edificação duma grande nação.

Como em «Wells Fargo», de Frank Lloyd, em «Alianças de Aço», de Cecil B. de Mille, em «Western Union», que Fritz Lang agora dirige, «Santa Fé Trail» traça-nos o esfôrço épico que representou a construção duma nova linha de caminho de ferro, de muitos milhares de quilómetros, elemento de valor incalculável, que contribuiu, talvez como nenhum outro, para o engrandecimento e a unificação dos Estados Unidos da América do Norte. Desta vez é o caminho de ferro que viria desbravar o estado de New México, junto da Califórnia, e levar até lá a civilização e a lei.

No filme que Michel Curty, o homem das grandes realizações, dirigiu, aparecem também Raymond Massey, Ronald Reagan, Alan Hale, William Lundigan, Van Heflin, Gene Reynolds, Henry O'Neil e Guinn «Big Boy» Williams.

Uma continuação dos «HOMENS DE AMANHÃ»

«A Cidade dos Rapazes», essa magnifica instituição que o Padre Flanagan dirige, e que serviu de fundo já a um dos mais belos filmes de que o cinema se pode orgulhosamente ufanar — «Homens de Amanhã», vai de novo ser o quadro maravilhoso dum novo filme que a Metro Goldwyn Mayer está produzindo, intitulado «Men of Boys Town» — Homens da Cidade dos Rapazes.

A acção do filme focará desta vez, sobretudo, a existência dos rapazes ao deixar o Padre Flanagan e ingressar na vida prática, utilizando os conhecimentos que nesse estabelecimento modelar lhe foram ministrados.

Neste novo filme aparecerão as três primeiras figuras que entravam em «Homens de Amanhã»: Spencer Tracy, Mickey Rooney e o pequeno e espantoso Bobs Watson. Spencer Tracy incarnará novamente a figura do Padre Flanagan e Mickey Rooney será o chefe dos seus camaradas.

O director Norman Taurog, a quem se ficou devendo «Homens de Amanhã», será o realizador de «Men of Boys Town», que é ainda interpretado por Lee J. Cobb, Larry Nunn, Mary Nash, Henry O'Neil e Sidney Miller, um amigo intimo de Mickey Rooney, que tem já aparecido em vários outros filmes do criador de Andy Hardy.

Spencer Tracy, que com a sua interpretação em «Homens de Amanhã» ganhara o prémio da Academia Americana, recebeu há pouco um autógrafo do Presidente Roosevelt com a seguinte dedicatória: «Para o meu amigo Spencer Tracy, de Franklyn D. Roosevelt».

FITAS NA FORJA

● **Love Thy Neighbor**, com Jack Benny, Fred Allen, Mary Martin, Veree Teasdale, The Merry Macs, Virginia Dale e o negro Rochester. Dirigido por Mark Sandrich. Paramount.

● **Father and Son**, com Billy Dawson, John Litel, Frieda Inescort, Christian Rub, Sammy Mac Kim, Mira Marsh e Sonny Bupp. Realização de D. Ross Lederman Warner Bros. (S. I. F.).

● **Wild Man of Borneo**, com Frank Morgan, Richard Carle, Walter Catlett, Shepperd Strudwick, Billie Burke, Marjorie Main, Donald Meek e Bonita Granville. Realização de Robert Sinclair. Metro Goldwyn Mayer.

O elenco da FOX 1941

Depois da Rádio e da Warner Bros, da Paramount e da Metro Goldwyn Mayer, cabe agora também tornar publico o elenco de Twentieth Century Fox, a companhia que Joseph M. Schenck, antigo chefe da United Artists, e Darry F. Zanuck dirigem. A êle pertencem Don-Ameche, John Carradine, Alice Faye, Joan Bennett, Henry Fonda, Allan Curtis, Richard Greene, Linda Darnell, Lynn Bari, Laird Gregor, Paul Muni, Joan Davis, Sonja Henie, Dean Jagger, Lloyd Nolan, Betty Grable, que agora aparece ao lado de Don Ameche e Carmen Miranda em «Sinfonia dos Trópicos», Charlotte Greenwood, John Payne, Tyrone Power, Mary Beth Hughes, uma nova estrêla, Brenda Joyce, Cesar Romero, George Sanders, Arline Judge, Nancy Kelly, Randolph Scott, John Sutton, Ida Lupino, Jean Rogers, Sidney Toler, o novo «Charlie Chan», Keneth Alexander, Lynne Roberts, Marjorie Weaver, Arleen Whelan, Sen Yung, Chris-Pin Martin, Jane Withers e Cobina Wright, Junior.

Como realizadores tem a Fox sob contrato os seguintes nomes: Otto Brower, Davir Burton, Irving Cummings, John Ford, Eugene Forde, Norman Foster, H. Bruce Humberstone, Henry King, Fritz Lang, Walter Lang, Rouben Mamoulian, Archie Mayo, Ray McCarey, Irving Pichel, Gregory Ratoff e William Wyler.

CINEMA POLICIAL

RALPH BELLAMY vai incarnar o famoso «detective» ELLERY QUEEN

Uma nova figura vem juntar-se à lista já numerosa que o cinema tem apresentado. E' Ellery Queen, o arguto policia que tem sido o herói de tantas proezas, que vai agora fazer a sua aparição no «écran», na pele de Ralph Bellamy. Esse primeiro filme da série intitula-se «Ellery Queen, Master Detective» e nêle aparecem também Margaret Lindsay, Charles Grapewin, James Burke e Michael Whalen. O realizador Kurt Neuman dirige o filme para a Columbia, e a Aliança Filme apresentaá-lo-á em Portugal.

DOROTHY SAYERS nega LORD PETER aos produtores

Dorothy Sayers, a criadora do aristocrático e audacioso Lord Peter Wimsey, embora solicitada com enorme frequência para autorizar a adaptação cinematográfica dos seus famosos romances, sempre recusou. Só em circunstâncias muito especiais o consentiria — e desde que lhe fôsse entregue a realização dêsses filmes.

Mas os produtores, que têm o talento de Dorothy Sayers na melhor conta, parece não confiarem demasiadamente nos seus dotes de cineasta. E a verdade é que Lord Peter continua sem poder aparecer no «écran»...

Novas proezas do celebrado «SANTO»

O personagem criado pela imaginação fertil de Leslie Charteries, que no cinema tem sido interpretado com extrema felicidade pelo actor Georges Sanders, vai aparecer num novo filme. As aventuras de «Saint», em que a temeridade, a ousadia e o seu aspecto misterioso o colocam num lugar àparte entre as demais figuras policiais, estão desta vez situadas em plena Califórnia, num afamado local de prazer — Palm Springs.

O novo CHARLIE CHAN

Para a Fox acabou agora de interpretar Sidney Toler um novo filme da série que o malogrado Warner Oland criou e popularizou. Intitula-se «Charlie Chan's Murder Cruise», e a Fox apresentá-lo-á em Portugal com o título de «Charlie Chan no Panamá».

A personagem de Chan deve-se ao novelista Earl Dirr Biggers.

Tyrone Power vai interpretar «Sangre y Arena» de Blasco Ibañez

Tyrone Power, o popular galã da Fox, que tantas admiradoras conta em Portugal, parece estar empenhado em reviver personagens que filmes antigos celebrizaram. Há pouco foi, como noticiámos, o intérprete do «Sinal do Zorro», um dos filmes de mais belas recordações que o cinema silencioso nos deixou. Agora chega-nos a noticia de que o magnifico intérprete de «Sinfonias Modernas» vai ser o protagonista dum outro filme célebre de há dezóito anos — «Blood and Sand».

E' extraido do famoso romance de Blasco Ibañez, «Sangre y Arena», que Rudolfo Valentino criou na tela e que ficou sendo, depois dos «Quatro Cavaleiros do Apocalipse», a sua mais apreciada interpretação. Não se sabe ainda quem virá a fazer os dois papéis femininos que na primeira versão couberam a Lila Lee e a Nita Naldi. Sabe-se, no entanto, que Rouben Mamoulian será o realizador.

Uma nova familia para o rol...

Depois da Familia Hardy, da Metro Goldwyn Mayer, da Familia Blondie, da Columbia, e da Familia Jones, da Fox, Hollywood passa agora a contar com uma outra familia — a Foster.

A própria Metro Goldwyn Mayer, de certo em face do êxito enorme que os Hardy têm alcançado em todo o mundo, resolveu ampliar o seu quadro «familiar» com mais os Foster. E o que é mais curioso é que um dos principais elementos da Familia Hardy aparece também na Familia Foster — a insinuante e graciosa Ann Rutherford.

Os outros membros da Familia são Frank Morgan e Irene Rich — que foi outrora a protagonista do precioso «Leque de Lady Margarida» — que farão de pais de Ann, e Virginia Weidler e Gloria de Haven, as suas duas irmãs. John Shelton será o namorado de Ann Rutherford, e Virginia Grey, a sua rival. Aparecem ainda Gene Lockart e Sara Haden.

O primeiro filme da nova série intitula-se «Keeping Company» e é dirigido por S. Sylvan Simon. O argumento é da autoria de Herman Mankiewicz.

A ALIANÇA FILMES, L.DA

RUA PASSOS MANUEL, 134 — PORTO

que já apresentou nesta temporada os grandes êxitos

AMOR... A PRESTAÇÕES
OS MISTÉRIOS DO LUNA-PARQUE
O MEU FILHO É UM CRIMINOSO
MOCIDADE EM PERIGO
UMA DAMA ENTRE «GANGSTERS»
BIGAMIA
A ILHA DOS SENTENCIADOS
MAIS FORTE QUE A LEI
HOMENS SEM CORAÇÃO

vai apresentar brevemente

OS MEDICOS TAMBEM CASAM

(«Doctor Takes a Wife»), com LORETTA YOUNG e RAY MILLAND.

CASEI COM A AVENTURA

(«I Married Adventure»), com a mundialmente célebre caçadora OSA JOHNSON.

RESSUSCITADOS

(«The Man with Nine Lives»), com BORIS KARLOFF e JO ANN SAYER.

PEÇO A PALAVRA!

(«Mr. Smith Goes to Washington»), um filme de FRANK CAPRA.

a «ALIANÇA» não pode adquirir todos os filmes do mundo — por isso só adquire os melhores

A FEIRA DAS FITAS

Esta nossa página vem hoje particularmente pobre: apenas uma crítica. Mas essa pobreza corresponde a uma riqueza cinematográfica invulgar: todos os cinemas de Lisboa exibem filmes que se mantiveram mais de uma semana no cartaz. Alguns, como «Robin dos Bosques», da S. I. F., e «Primeiro Amor da Gata Borralheira», de Filmes Alcantara, atingiram a terceira semana, o segundo em dois cinemas — e manifestam ainda uma vitalidade mais que prometedora.

Isto vem confirmar os nossos prognósticos quanto á nossa época, a nossa confiança no publico cinéfilo — e a opinião dos nossos criticos sôbre os referidos filmes.

Não ousamos dizer que «Animatógrafo» contribue para electrizar a atmosfera das plateias — mas talvez o pudéssemos fazer.

Agora, supomos que não há motivo para que as carpideiras do costume venham encher de pranto crocodileo o muro das lamentações...

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os criticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece atenção especial.

«SINFONIA DOS TRÓPICOS» (Fox).

— A direcção de **IRVING CUMMINGS**.

— A fotografia colorida de **LEON SHAMROY** e **RAY RENNAHAN**.

— O trabalho arrojado da colorista **NATHALIE KALMUS**.

— Os bailarinos negros **NICOLAS BROTHERS**.

— As interpretações de **BETTY GRABLE** e **CHARLOTTE GREENWOOD**.

— A música e as canções originais, em especial «Down Argentina Way», de **MARCK GORDON** e **HARRY WARREN**.

«Sinfonia dos Trópicos»

(Down Argentine Way)

Espectáculo soberbo — de alegria, de côr, de movimento — êste que a Fox Filmes nos oferece neste Janeiro frio! Poucas vezes temos experimentado diante dum espectáculo frívolo — porque a frivolidade é um dos atractivos de «Sinfonia dos Trópicos» — a sensação de plenitude que agora experimentamos.

Frivolidade «séria», sem recorrer a nada de chocante, de forçado, de dubio ou de impudico. Frivolidade nascida e terminada em alegria pura e simples, alegria sã, bordada em tôrno duma historieta de amor que tem o condão de interessar o publico sôbre as peripécias sentimentais dos dois protagonistas o que não é cousa de que possam gabar-se muitas historietas de amor.

Mas não é isso, evidentemente, o que mais interessa em «Sinfonia dos Trópicos», e interessa a ponto de canalizar a jorros o publico para a sala, de o conservar aí em permanente estado de euforia, e de lhe arrancar, em dada altura, uma autêntica ovação.

Essa ovação surge no momento em que dois bailarinos extraordinários, os Nicolas Brothers, terminam um numero alucinante em que o sapateado se completa pelos «glissandos» e os «grands écarts» mais espantosos. Mas não creiam que ela se deve apenas ao valor real do numero. O nosso publico é demasiadamente retraído, perante qualquer espectáculo, e muito em especial perante o espectáculo do cinema, para que o fizesse sem «preparação», isto é: sem que tudo o que o filme lhe mostrasse antes o não satisfizesse por completo.

Ora a verdade é que tudo o que aparece em «Sinfonia dos Trópicos» o satisfaz — e contém sobejas razões para o satisfazer.

Primeiro — a côr! Côr maravilhosa, por dois motivos: pela audaciosa composição cromática e pela felicidade da fotografia de Leon Shamroy e Ray Rennahan.

Nathalie Kalmus, responsável por todas as filmagens Technicolor, usou audaciosamente dos tons puros — vermelhos, azuis verdes, amarelos — compondo quadros de grande alacridade que lisonjeia sempre e nunca fere o olhar. A colaboração prestada por Nathalie ao realizador Irving Cummings — sempre fiel á Fox, desde a vitória de «Club 73» — foi das mais valiosas. E o realizador soube merecê-la, pois lhe cabia o aproveitamento de todo aquele esplendor policromo e o soube aproveitar como gente grande. As filmagens, com suaves oscilações de grua em movimentos de pequeno raio, mas que valorizam tudo o que surpreendem, — «varridelas» mestras, em que um cenário se desvenda em todos os seus angulos melhores —, não perdem pitada da encenação.

E o mais apreciável é que tudo isto foi feito despretenciosamente «sans en avoir l'air».

Exteriores magnificos, valorizados pela fotogenia de todos os ambientes hípicos, intercalam-se sàbiamente em interiores de óptimo gôsto, nada sobrecarregados (o bric-à-brac é uma tentação, quando se dispõe da côr!), não dando aquela impressão de duas fitas diferentes que nos dão tantas fitas coloridas.

Note-se que a Fox tem sido particularmente feliz nos filmes a côres: «Ouvem-se tambores ao longe», «Assim nasceu o cinema», os dois «James» e agora «Sinfonia dos Trópicos» são dos melhores depoimentos a favor daquilo a que chamaremos, em linguagem do século, a «colorização totalitária...». Porque esperamos não morrer sem ver desfilar em Paris cortejos cinéfilos berrando ao som do «Air des Lampions»:

«La couleur partout!
La couleur partout!...»

Complemento imprescindivel dum espectáculo de alegria a musica desempenha em «Down Argentine Way» um papel primordial. Assinam-na Marck Gordon e Harry Warren. Este ultimo é o autor responsável por alguns dos melhores estribilhos da grande época dos filmes musicais (toda a série da Warner Bros. (Rua 42», «Maravilhas de 1933», «Foot lights Parades, etc.), e mantém toda a sua forma. A canção que dá o título ao filme, com os seus «breaks» linguais, originalíssimos, é aquilo a que os americanos chamam — «a sensation». Há uma «conga» estupenda e todas as demais melodias são agradáveis e «fáceis», o que é condição essencial da popularidade.

A interpretação de «Sinfonia dos Trópicos» reune um grupo excelente. Betty Grable muito loura e muito linda, não tem nada de boneca: é uma rapariga simpatiquíssima, que se representa justo, canta afinado e faz o

(Ler continuação na 7.ª página)

O NOSSO INQUÉRITO

(Continuação das páginas centrais)

de uma página, no «Diário de Lisboa», dedicada exclusivamente à critica da nossa literatura — e pedimos a sua opinião. E, com a pregunta, segue a resposta.

— Quáis os romances portugueses mais adaptáveis ao cinema?

— Não haverá muitos. Em todo o caso parece-me que era por aqui que se devia ter principiado quando se pensa fazer cinema português. Na minha opinião, para que em Portugal se faça bom cinema só falta encontrar bons argumentos. Sim: por mais paradoxal que isto pareça, a verdade é que ao nosso cinema não faltam elementos técnicos: os nossos filmes têm boa fotografia, bons enquadramentos, ritmo razoável, som sofrível. O que no nosso cinema é péssimo é precisamente o argumento. Durante quási três anos bati-me no «Diário de Lisboa» por um romance português que não sacrificasse ao estilo ou à falsa verosimilhança, a verdade psicológica. Pois bem, o mal de que sofre o nosso romance é, mal de que sofre o nosso teatro — e o nosso cinema. São raros os filmes portugueses, onde se sinta que se nos conta uma história psicològicamente certa, lògicamente verosimil — verdadeira, em suma. Os caracteres são falsos, o desenvolvimento é falso; não há problemas humanos, não há realidade humana convincente. Quási todos os nossos filmes são pretextos para boa fotografia; e quando o pretexto é só êste ainda não é mau...

Ora é preciso não esquecermos que é tão difícil arquitectar uma história cinematográfica como uma história romanesca. Logo é evidente que compor uma história para ser filmada não é coisa que qualquer faça. As pessoas indicadas para o fazerem são os romancistas — os poucos romancistas que em Portugal já deram provas de serem capazes de escrever romance verosimeis. Eis porque a pregunta de «Animatógrafo» me parece de uma grande importância. Acho que os realizadores de cinema devem ao mesmo tempo saber quais são os romances portugueses mais capazes de poderem ser filmados e quais os romancistas mais capazes de escrever argumentos para o cinema. O facto mesmo de não haver na bagagem de qualquer bom romancista vivo um romance apto a ser transplantado para tela não é razão para que os cineastas se não aproveitem da capacidade revelada por êle para escrever histórias verosimeis. Aqui está porque seria bom ver Ferreira de Castro, Aquilino, Miguel Torga, José Régo, Paço de Arcos, Campos Pereira ou tantos outros aproveitados pelos realizadores de cinema. E mais não digo porque a dizer tudo teria de escrever um ensaio.

MANUEL RIBEIRO RECORDA «A RELÍQUIA» E REBÊLO DA SILVA

Neste incompleto quanto rápido inventário da nossa miséria literária, ainda que não faltem autores afamados e obras consagradas, urgia ao meu carinho de amigo e à minha rendida admiração saber dos pareceres de Manuel Ribeiro. De quantos autores ouvi, êste é o meu mais antigo amigo — desde os dias já remotos de procelosas batalhas. Sempre o conheci, porém, silencioso. Apenas no recolhimento de leais amizades, sacudia o seu silêncio de alentejano, para gradualmente se animar até à máxima efusividade. Assim aconteceu agora, uma vez galgados os duros degraus graníticos que, na basílica da Estrêla, conduzem ao último andar — arquivo de milhares de processos conhecidos em calão judicial pela designação genérica de «Feitos findos».

Interrogado, acarinhado, abraçado pela fôrça expansiva da minha amizade, Manuel Ribeiro disse-nos, num fio delgado de muitas palavras quási a perderem-se-lhe no bigode modesto:

— «A Ruiva», de Fialho, poderia dar uma fita formidável sôbre a cidade dos mortos. Dêle ainda aproveitaríamos, a meu ver, a sua «Evocação da Primavera». Em Eça, o «Crime do Padre Amaro», com o seu ambiente estremenho, e «A Relíquia», para uma fabulosa reconstituição da Semana Santa em plena Palestina. Camilo chamava-lhe «o sexto Evangelho do Raposão». Em Rebêlo da Silva, aproveitaríamos, talvez, «A última corrida de toiros em Salvaterra de Magos», a fim de reconstituirmos êsse episódio histórico da festa brava...

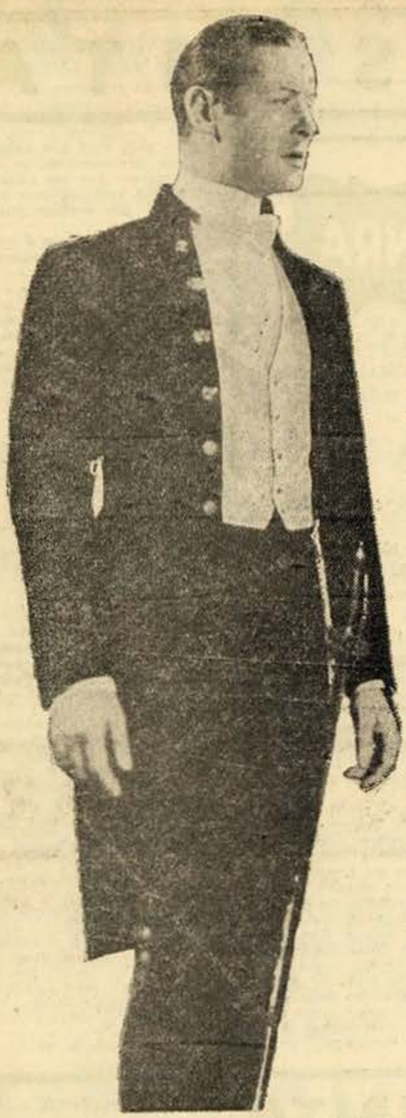
O INQUIRIDOR PEDE LICENÇA PARA LEMBRAR O «JOSÉ PANCADARES» DE EUGÉNIO VIEIRA

— Dá licença, senhor director?

— Vá. Diga. Depressa. Falta o espaço.

— Num volume de Eugénio Vieira, chamado «Flor da lama», há uma novela que reconstitue a vida dos malteses, através dêsse Alentejo resinoso e estepário como a Rússia imensa. Chama-se: «José Pancadares» e considero-a uma maravilha.

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA



A história, ora divertida ora
Tempestuosa, dum terrível
GANGSTER de Chicago, que herda
Um Condado inglês e que, por isso,
Resolve regenerar-se.
— Mas não contou com a
Vingança dos que haviam sofrido
Por culpa dêle...
— E, assim, espera-o uma vida
Tormentosa, de martírios e torturas
Que o arrastam até á fôrca!

Robert
MONTGOMERY
em "*O Conde de*
CHICAGO"

UM FILME DA METRO • GOLDWYN • MAYER

com EDWARD ARNOLD, REGINALD OWEN, EDMUND GWENN, E. E. Clive, Ronald Sinclair, etc. ... e as lindas pernas de Norma Varden! — Direcção de RICHARD THORPE — Produção de VICTOR SAVILLE — Argumento cinematográfico de Lesser Samuels, segundo uma história de Charles de Grandcourt e Gene Fowler.

Um drama absorvente, que decorre entre balas de revólver e umas lindas pernas de mulher!

O Correio de Bel-Tenebroso

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA.

PRIMAVERA. — Com todo o prazer a recebo nestas colunas, como antiga leitora de «Cinéfilo». Espero as suas próximas cartas, para conversarmos demoradamente. — «Primavera» saúda as antigas consulentes de «Multiplus» e especialmente «Antinea».

RICARDO, CORAÇÃO DE ELEFANTE. — Ficas apresentado! Cinéfilo-poeta, dizes tu! A ver vamos... — «Animatógrafo» vem animado do desejo de ser eterno. Só de vós depende dar-lhe vida, cada vez melhor e cada vez maior.

PRINCEZA YOLANDA. — Já dei ordem à Administração para serem enviadas para a morada que indicas, todos os números publicados. Quanto aos números futuros, porque é que essa tua amiga não assina a revista? Era mais simples, do que o envio semanal, à cobrança, que me parece inviável.

PRINCEZA DA SELVA. — Continuas então zangada comigo?! Não respondo às tuas preguntas, porque estou convencido de que as fizestes só para me dar trabalho... Foi vingança da demora, pela certa...—Cá fica o teu S. O. S. aos antigos leitores do «Cine», para que te ofereçam as separatas dos n.os 178, 186, 196 e 199, e ainda a de Ginger-Clark Gable do número do Natal. Se não as arranjares, porque não as procuras na Casa Bertrand & Irmãos, Trav. da Condessa do Rio, 27?!

DOIDO COM JUIZO. — Transmiti a António Lopes Ribeiro a tua carta, com a sugestão da admissão de cinéfilos novos, no Clube de «Animatógrafo». — Já recebi cartas de «43 A. Mas «Mará-Bob», «Morena Caprichosa» e «Ginger às Rodas» continuam mudas e quedas...

ETERNA GAROTA. — Nelson Eddy, graças a Deus, nunca fez nenhum filme com Clark Gable... — Joan Crawford e Franchot Tone foram os protagonistas de «Basta de Mulheres». Apareceram juntos em «Doidos & C.ª». Como sabes, foi depois dêstes filmes que o Franchot exclamou «Basta de Mulheres» e se separou de Joan Crawford, pessoa com quem eu, aliás, não me importava nada de casar... — Escreve sempre. Nunca massas.

TONY. — «O Poder das Trevas» é um filme notabilíssimo. Robert Montgomery tem ali o seu melhor papel. Claro que há seres com taras semelhantes. A história do crime está cheia de degenerados, à maneira de Montgomery. Do vampiro de Dusseldorf(que inspirou «Matou») ao monstro de La Voulzie (que serviu de base ao argumento de «O Mistério das Onze Desaparecidas») vai toda uma colecção de tarados, da pior espécie. — Não creio que «Pureza» venha esta época a Portugal. Idem, idem, no que se refere a «Juarez». Quanto ao filme de Chaplin, não penses nêle. — É lamentável o que me contas referente ao estado em que chegam aí ao Pôrto certos filmes. Há operadores que «assassinam» os filmes. E falo assim porque a película a que te referes, não deveria, de modo algum estar nêsse estado, por ter pouco mais de seis meses de circulação!

GAROTA DE LISBOA. — Cá fico esperando, anciosamente, as cartas, longas e freqüentes, que me prometes.—Não me importo nada que hajas mudado de pseudónimo, sobretudo quando o escolhido, tem, como no caso presente, um ar alegre, vivo e citadino...

FLOR DOS ALPES. — Cá estou à espera das suas cartas, e encantado por trocar correspondência consigo. — Pode escrever a [illegible], por intermédio de «Animatógrafo». — Intérpretes de «Horizontes Perdidos»: Ronald Colman, Edward Everett Horton e Jane Wyatt. O título original, era, de facto, «Lost Horizonts. — O seu album deve, de facto, ser curioso. E tem o mérito de lhe acordar boas recordações.

BONECA VOLUVEL. — Folgo por que «Animatógrafo» te tenha agradado. Pelo que estou vendo, a legião das leitoras da Madeira aumenta, dia a dia. — A tua opinião sôbre o Charles Boyer tem pelo menos o mérito de ser original: «é bom actor, mas feio e irritante». Para o cinema, é preferível, a ser bonito e agradável, embora mau actor. — Com que então querias ser vedeta da Fox e parceira do Tyrone Power, por causa dos «happy-ends». Olha que às vezes, êsses não são os mais saborosos. — Transmito os teus cumprimentos a «Rey... sem tronos», «Cinéfilo Nortenhos», Luiz XV» e «Deram-lhe uma espingarda».

A FEIRA das FITAS

(Continuação da página 5)

que pode a dançar. E tem, sobretudo, uma vibração humana, uma frescura natural que a destaca de tantas mulheres fabricadas em série pelos institutos de beleza de Hollywood. Don Ameche, sempre correcto, sempre simpático com a sua voz persuasiva e «sehr musikalisch». Charlotte Greenwood, vestindo-se com rara distinção, consegue ser cómica sem se ridicularizar nas cenas mais imprevistas, como no «pericon» que dança em plena aldeia argentina. Leonid Kinskey (o cicerone) é um cómico de grande futuro, pois não se confunde com nenhum. Henry Stephenson é uma espécie de Charles Aubrey Smith menos imponente e mais afável. Carrol Nash compõe um «gaucho» curioso. As suas conversas com o cavalo são divertidíssimas. Charles Judeles, o embaixador, tem umas «cóleras» à Hermann Bing que fazem rir a perder.

Guardamos para o fim Carmen Miranda. Não porque seja ela o grande atractivo dum filme em que tudo são grandes atractivos. Mas exactamene porque, cantando só três numeros, êsses lhe bastam para impôr a sua personalidade a sua «classe» de grande artista do «music-hall». Nunca a tinhamos visto embora soubessemos de côr todas as suas criações. E a sua presença visual não desilude: antes revela finuras imprevistas, e a mimica poderosa da sua bôca e das suas mãos.

Na ultima semana, revelação visual idêntica nos trouxe, em «Tudo a cantar», a aparição do grande Louis Armstrong. Carmen tem a categoria que se lhe atribue — e isto diz tudo.

Já devem ter percebido que ficamos tontos de boa disposição com «Sinfonia dos Trópicos». Nos tempos que vão correndo, é o que mais poderíamos desejar. — *A. L. R.*

O QUE QUERE CANTAR...

OVER THE RAINBOW

(do filme «O Feiticeiro de Oz»)

Some where over the rainbow,
Way up high,
There's a land that I heard of
Once in a lullaby.

Some where over the rainbow,
Skies are blue,
And the dreams that I dared to dream
Really do come true.

Some day I'll wish upon a star
And wake up where the stars are far behind me,
Where troubles melt like lemon drops
Away above the chimney tops,
That's where you'll mind me,

Some where over the rainbow,
Blue birds fly,
Blue birds fly over the rainbow
Why then, Oh why can't I?

WHERE OR WHEN

(do filme «De Braço Dado»)

It seems we've stood and talked like this before,
We looked at each other in the same way then
But I can't remember where or when;

The things you're wearing are the things you wore,
The smile you are smiling, you were smiling then
But I can't remember where or when;

Some things that happen for the first time
Seem to be happening again,
And so it seems that we have met before
And loved before, and loved before,
But who knowes where's or when.

GOOD MORNING

(do filme «De Braço Dado»)

Good morning, good morning,
We've danced the whole night through,
Good morning, good morning to you.

Good morning, good morning,
It's great, to stay up late,
Good morning, good morning to you.

When the band began to play,
The stars were shining bright;
Now the milkman's on his way,
It's too late to say good night.

Good morning, good morning,
Sunbeams with you smile through,
Good morning, good morning to you.

A TAÇA E AS MEDALHAS

(Continuação da página 9)

Fragoso e Mota da Costa — se pronunciaram contra a candidatura de «Pinnochio» em situação absolutamente idêntica à dos outros filmes, e que sòmente três membros do Júri — António Lopes Ribeiro, António Carvalho Nunes e Domingos Mascarenhas — votaram a favor da candidatura do «Sr. Grilo». E por isso «Pinnochio» foi incluído na lista dos filmes candidatos e o «Sr. Grilo» foi afastado da selecção dos actores.

Há ainda que salientar o seguinte: nenhum filme, nenhum actor e nenhuma actriz pode ganhar a Taça ou as Medalhas do «Animatógrafo» sem reünir, pelo menos, um terço dos votos emitidos — isto é, sete votos, se se pronunciarem todos os membros do Júri de Classificação. Nestes termos realizar-se-ão tantos escrutínios quantos forem necessários para se chegar a um resultado, salvo no caso de se verificar tal intransigência que não permita a atribuição de qualquer dos prémios (hipótese pouco provável, mas que se deve prever desde já).

Antes de fechar estas notas queremos ressalvar uma «gralha» diabólica que transtornou completamente o sentido do que se escreveu no último número sôbre a constituição do Júri de Admissão. Escreveramos: «O Júri de Admissão é composto pelos seguintes sete redactores de «Animatógrafo», que *não estão* de qualquer forma ligados às casas distribuidoras». Pois saiu apenas isto: «...que *vão estar* de qualquer forma ligados às casas distribuidoras».

A única ligação entre elas e o Júri é, evidentemente, a da natural e excelente cordealidade que hoje, graças a Deus, reina na família cinematográfica portuguesa

O Correio de Bel-Tenebroso

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA.

RAFFLES. — Respondo duma assentada a duas cartas tuas: Uma sem data, outra de 26 de Novembro. Ao todo, sete fôlhas de papel de máquina de prosa compacta. — Com que então consideras *O Monte dos Vendavais* como um autêntico «catecismo de amor?!» Essa parece-me forte, *Raffles* amigo! — De facto, para nós homens, a passagem de modêlos de *Mulheres* era muito «subjectiva»... Não sei se já reparaste que quando uma assembleia mixta assiste a uma passagem de modêlos, as mulheres só têm olhos para os trapos, e nós, homens, só temos olhos para os modêlos... Se houvesse que fazer uma partilha da existência era fácil contentar as duas facções. — Este leitor deseja corresponder-se com *Donalda* e saúda, efusivamente, *Benjamina, Maria Madalena* e *Eterna Garota.*

UMA GAROTA SEM IMPORTANCIA. — Gostei muito de ler a tua cartinha. — Pelo que me dizes tens visto poucos filmes. Se é por falta de companhia podes contar comigo... Valeu?!... — Para assinar o *Animatógrafo* deves remeter à Redacção, Rua do Alecrim, 65, 1.°, em vale de correio, a importância respectiva. — Com que então estás proibida pelos médicos de te dedicares ao teu desporto favorito?! Quero crer que depressa melhores e que no próximo verão possas fazer a Travessia do Tejo. Nunca te fies, num médico só. Os melhores, quantas e quantas vezes se enganam. E quando se tem a tua idade só se sofre do coração, quando «êles» são maus...

UM ESTUDANTE QUE NUNCA AMOU. — Para obteres uma foto de Maria da Graça, deverás escrever-lhe a solicitá-la, e enviar a carta, para ela, à Redacção de *Animatógrafo* que a fará, por sua vez, chegar às mãos da simpática estrelinha. — Escreve a Nilda Nagrassi e Sonia Citicica, ao cuidado da Redacção de «Cinearte», R. do Ouvidor, Rio de Janeiro.

MELITA CORREIA CABRAL. — Já transmiti a quem de direito o desejo que V. tem de ver, na separata de *Animatógrafo*, a vera-efígie dêsse simpático actor que é Herbert Marshall. — Li com o maior interêsse a opinião que solicitei sôbre o filme que V. sabe Interessava-me imensamente. Foi a realização dum velho sonho e ainda bem que as pessoas que melhor o poderiam criticar, o aplaudiram, como eu esperava. — *Adeus Mr. Chips* é fora de dúvida, um dos melhores filmes da época transacta. A creação de Robert Donat pode considerar-se excepcional e maravilhosa. — V. vai gostar de *O Monte dos Vendavais*, um dos filmes de mais fôlego exibido na presente temporada. — Espero a carta de *Maria Papoila*. Ela já se não lembra de mim. Diga-lhe, por favor, que estou aguardando as suas notícias.

I AM THE QUEEN. — Muito obrigado pelas boas palavras que dedica a *Animatógrafo*. Agradecemos igualmente os seus bons votos. — *O Amor de Perdição* já foi transposto para a tela muda, em 1920, se não estou em êrro, e com os seguintes artistas: Brunilde Judice, Irene Grave, Alfredo Ruas, Jorge Grave António Pinheiro, Pato Moniz e Samwell Diniz. — Claro, que poderia inspirar um belíssimo filme dos nossos dias. — Espero pois que me escrevas de novo e que resolvas banir o «Ex e Ill.° Senhor», que procede o meu nome, no início da tua carta.

MISS SÉCULO XX. — Fiquei contente por ter aceitado a minha sugestão e conservado o seu antigo pseudónimo. — Com que então acha que o Gabin chora de mais em *Passou uma Mulher*. Eu sou da sua opinião. E de resto lá diz o fado: «não chores porque és um homem, e é feio um homem chorar»... — Evidentemente que os defeitos da Mulher, em *Mulheres*, eram vistos com a ampliação proporcional à da imagem do filme, para a imagem do «écran»... Mais: no filme, apenas se curou de criticar certos aspectos menos recomendáveis, mas encantadores *(vistos a distância)* da alma feminina. No entanto, não devem ficar a querer mal ao cinema, por êsse facto. Porque a tela já tem exaltado a Mulher em filmes como *O Anjo Branco, Edith Cawell*, etc., etc., para, não citar a quási totalidade das obras onde ela nos aparece como a razão de ser da própria vida.

ADORO MADELEINE CARROL. — E tens muito bom gôsto. Se tu visses como ela é linda! Queres acreditar: não era das artistas da minha maior simpatia. Mas desde que conversei com ela, após a sua chegada a Lisboa, fiquei com uma admirável impressão dela. E' muito mais bela, na vida real, do que na tela, e extremamente simpática. Fui eu que lhe dei a notícia da entrada da Itália na guerra. O Clipper chegou ao Cabo Ruivo justamente na tarde em que a notícia foi conhecida em Lisboa. — Podes escrever em português a tôdas as artistas americanas. — Este leitor deseja corresponder-se com leitoras e leitores da nossa revista.

CALOIRO CINÉFILO. — Estou de acôrdo com o que dizes, com respeito à actuação da Rosalind Russell em *Mulheres*. Se de facto, o seu papel fôsse «exagerado», como alguns pretendem, a Academia Americana não teria atribuido ao seu desempenho a 3.ª classificação, entre «as melhores do ano». — A mulher portuguesa é de facto diferente da mulher americana, por fôrça da educação, do meio tradicionalista em que vive, da religião que professa, da organização da sociedade, do respeito pela família etc. — Para pedir uma foto à Ann Rutherford, não necessitas de enviar dinheiro.

CHARLEY CHASE N.° 2. — Não necessitavas de pôr o n.° 2, visto que o n.° 1 está há muito debaixo da terra. Que esta lhe seja leve, coitado! — *A Caminho de Roma* deve iniciar-se dentro em breve. — Breve, veremos a vera-efígie de Clark Gable na separata de *Animatógrafo*.

GERALDO CHEIO DE PAVOR. — Apreciei muito a tua carta. Fizeste bem em escrever-me. Estou aqui para trocar impressões com todos os leitores que se me dirijam. — Cá fico aguardando a tua carta sôbre *Pão Nosso* e a tua opinião de bom alentejano sôbre aquêle filme.

MICKEY ROONEY. — O director de *Animatógrafo* e os seus colaboradores agradecem as tuas saúdações. — Podes escrever, em português, a Sonia Henie para 20th Century Fox Studios, Box 900, Beverly Hills Califórnia. — A tua vedeta favorita casou-se, recentemente, e tomou umas férias merecidas nos estúdios. De modo que não é de estranhar o facto de ter interpretado últimamente menos filmes.

SOLIDO'. — Que tal me parece o teu pseudónimo?! Muito folclórico... — Cá ficas inscrito na lista dos meus simpáticos correspondentes. — Manda-me dizer quais são as vedetas que preferes e eu dir-te-ei, depois, as moradas. As artistas americanas deves escrever-lhes em português. — Podes solicitar por intermédio de *Animatógrafo*, da Elisa Carreira e da Maria da Graça, a graça das respectivas fotos, autografadas.

RAINHA FARIDA. — Como poderia esquecer-te? Estimei muito a tua cartinha. O retrato? Lovely! Se tiveres empenho nele devolvo-o. Mas se não te importares, gostaria de ficar com êle. Combinado?! — Charles: Universal Studios, Universal City, Hollywood, California. — E espero uma nova carta, muito grande, para conversarmos mais de espaço.

ZÉ FERNANDES. — Cêdo piaste! Quando recebi o teu postal, já estava composta e impressa a resposta para ti. Como vês, não foi influência, do «despeço-me para sempre»! Como se eu acreditasse, Zé Fernandes amigo! — Podes estar tranqüilo. Tens sinal aberto cá na secção. De modo que já te não livras de ter resposta, sempre que me escrevas. A estátua do teu compadre é um assombro! Dir-se-ia a própria imagem da obstinação e da intransigência: «Daqui não arredo pé»... Tomou lugar à direita de «Toal». — Zé Fernandes, amigo: continuo (não leias «contínuo», pela fôrça do hábito) a aguardar curioso, as tuas impressões de cinema. Gostaria que me dissesses o que pensas daquêle amor da Judy Garland, depois de a teres visto no «Feiticeiro de Oz» e em «De Braço Dado», «Está de arromba», para me servir da frase do autor que criou a personagem que tem o nome que adoptaste para pseudónimo...

UMA GAIATA CINÉFILA. — Achei graça à tua afirmação: «Oxalá que Hollywood deixe de fazer filmes no género de «Mulheres» e «Hotel para Mulheres». De contrário, Vv. ficam-nos a conhecer demais...» Podes estar tranqüila! Quanto mais o cinema pretender penetrar nos segrêdos da alma feminina, maior será o estenderete... Há mais de mil anos que a Humanidade busca entendê-la e o mistério continua indecifrável... — Os meus amores com a Lamour?! A modéstia impede-me de te dizer como vão...

I AM CHARLES BOYER. — O cinema de amadores é, fora de dúvida, um encantador pasatempo. Só tem um defeito: é caro. Queres, realmente, mudar de pseudónimo? Aquêles que referes não me entusiasmaram. Escolhe outros, e eu depois te direi qual é o melhor. — Título original de «Horizontes Perdidos»: Lost Horizonts. — Gene Tierney: 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood Califórnia. Deve mandar retrato. — Este leitor deseja cartear-se com leitoras desta secção, «sôbre cinema e hipismo» (?).

BENJAMINA. — «Marcarei no calendário os dias em que receber carta sua: porque serão sem dúvida os melhores do ano».

BIJAGÓS. — Muito embora «cartas sejam papéis», nunca as deito para o cêsto dos ditos. As cartas ou se guardam ou se queimam, se bem que no momento presente o papel se pague por bom preço... — Podes pois escrever-me sem receio. — Como viste, o número do Natal respondeu a dois pontos focados na tua carta: És o sócio n.° 6 do «Clube de Animatógrafo» e demos em separata a desejada foto da Deanna Durbin. — Diz-me a que estrêlas queres escrever, para eu te indicar as moradas.

RAPAZ DE ALPIARÇA. — Este leitor deseja corresponder-se com «Maria Isabel», «Maria Madalena» e «Maria do Rosário». E cumprimenta «Uma Garota da Serra da Estrêla», «velha companheira do correio do *Cinéfilo*».

UM AVENTUREIRO. — As tuas palavras são desvanecedoras. Esperemos que «Animatógrafo» te continua a agradar. — «Um aventureiro» quere corresponder-se com leitoras desta secção.

AMO AS MORENAS. — Pelo que me dizes amas as morenas e o cinema com igual fervor. — Fizeste bem em escrever-me e agora cá estamos para conversar. — Podes fazer três perguntas em cada carta.

UM LOUCO POR NORMA SHEARER. — Se houvesse um Rilhafoles para os «loucos» pelas vedetas de cinema, havia bicha à porta, pela certa, de candidatos a pensionistas... — Claro que não há inconveniente algum, pela minha parte, em admitir-te nestas colunas. Escreve-me, pois, sempre que queiras. E «couraça-te» de paciência para aguardar as respostas que as cartas são tantas, tantas, que a «Parker», cada vez que olha para elas fica entupida... — Serás capaz de me explicar, agora que somos amigos, porque motivo é que me escreveste duas cartas iguais, no mesmo dia?!

OUBLI. — Daria muito trabalho saber se sempre foi com o pseudónimo que citas, que eu te respondi. Vamos adiante, que o passado pertence à história. — Larayne Day: Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Nunca mais viste filme algum de Maurice Chevalier, depois de «Viuva Alegre» porque deixaste passar, em claro, os programas que incluiram «O Vagabundo do Amor», «O Rei dos Optimistas», «O Caso do Dia» e «O Mistério das Onze Desaparecidas». Depois dêste, é que não vimos mais nenhum.

I LOVE YOU, HELEN. — Julgo saber que Jorge Brum do Canto não desistiu de realizar «O Rei dos Homens». Simplesmente, deixou êsse filme para melhor oportunidade. — «Prewiew» não é o mesmo que estreia, mas sim sinónimo de «ante-primeira». Os americanos adoptaram a palavra francesa. E assim é vulgar dizerem «World première», ou seja première mundial. «Handsel» é totalmente desconhecido na terminologia cinematográfica. — Não podes comparar «Ninotchka» com «Pinocchio». Daí a dificuldade de dizer qual é o melhor. Quando muito, podemos estabelecer uma escala de valores, como espectáculo. Mas isso depende da sensibilidade de cada um.

LOIRO STROGOFF. — Uma autêntica salada (russa) o teu pseudónimo! Com que então, até aqui nunca havias comprado uma revista de cinema e, agora, esperas ancioso, o «Animatógrafo». Nunca digas: «desta água não beberei», sobretudo quando ela é saborosa, e tu não lhe conheces o gôsto... — Para trocares correspondência com leitoras desta revista, deverás fazê-lo por meu intermédio, a menos que a leitora com quem te carteares, te autorizar a escrever-lhe directamente. Deverás, dêste modo, enviar as cartas, dentro dum envelope, devidamente estampilhadas, e trazendo no exterior, a lápis, o pseudónimo da destinatária.

ARMINDO BLANCO. — Cá ficas inscrito como meu consulente. Obrigado pelo «Hurrah» que levantas em honra de «Animatógrafo». — Maria da Graça, vedeta do «Porto de Abrigo», nada tem que ver com Maria da Graça, cantora da E. N. — As filmagens de «O Homem do Ribatejo» vão nêste ponto: Ainda não começaram. — António Lopes Ribeiro tem vários projectos de produção, que serão desvendados a seu tempo.

Bel-Tenebroso

SENHA DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria de Animatógrafo» os retratos seguintes:

Actriz:..

Actor:..

ELES e ELAS



CLAUDETTE COLBERT e CHARLES BOYER

No fim do século passado, a pastelaria de Charles Chauchoin era uma das mais acreditadas e afrèguezadas de Paris.

As mais famosas personalidades da época não desdenhavam sentar-se às suas mesas e provar os famosos doces de que êle tinha o segrêdo. O novo século, porém, não lhe foi propício. Os negócios tornaram-se difíceis, os clientes mostravam novas preferências. Não teve, porém, outro remédio que trespassar o seu estabelecimento, outrora célebre. E em 1913, com a mulher e dois filhos, Charles e Claudette, emigra para os Estados Unidos, em busca de melhores dias, e fixa-se em New York.

Claudette, aos 15 anos, matricula-se na Escola de Washington Irving, e ingressa três anos mais tarde na Academia de Belas Artes. A conselho de Ann Morrison, uma escrirora teatral muito conhecida na Broadway, tenta o teatro. E tenta-o com êxito, pois alguns meses mais tarde o seu nome começa a aparecer nas «marquises» dos teatros.

Por essa época o cinema sonoro faz a sua aparição triunfal nos écrans americanos. As vedetas do mudo veêm-se constrangidas, dum momento para o outro, a abandonar os seus lugares de primeiro plano, para os cederem às novas estrêlas do fonocinema. E é o teatro quem passa a fornecer o maior contigente de artistas para os estúdios.

Claudette teve a felicidade de ser uma das eleitas. A Paramount dá-lhe a assinar um contracto, e fá-la aparecer em alguns dos seus filmes, na época heróica do sonoro. «The Hole in the Wall», «The Lady Lies», «Secrets of Secretary», foram alguns dêsses primeiros filmes, que ela interpreta sem contudo abandonar o palco, onde aparece em «The Barker» e em «Dynamo», de Eugene O'Neil. No entanto o seu grande momento cinematográfico ainda não se revelara. Essa oportunidade fica-a devendo a Maurice Chevalier, que a escolhe para sua «partenaire», primeiro no «Grande Charco» e depois no «Tenente Sedutor». Não há dúvida: a sua carreira na tela está lançada. Os filmes que lhe sucedem vêm confirmar não só a sua popularidade como os seus dotes de inteligência e de talento, e a sua aliciante personalidade. A sua carreira é hoje uma das mais bem preenchidas do cinema. Entre os seus filmes contam-se ainda «A Noiva que volta», «A Noite é Nossa», «O Sinal da Cruz», «Cleopatra», «Uma noite aconteceu», que lhe valeu o prémio de interpretação da Academia Americana, «Mundos Intimos», com Charles Boyer, «Casou com o Patrão», «Sob duas Bandeiras», «A Rapariga de Salem», «Conheci-o em Paris», «A Oitava mulher do Barba Azul» e «Tovarich», que vamos ver dentro de dias apresentado pela S. I. F..

Claudette Colbert, que foi casada com Norman Foster que a Sr.ª Chauchoin odiava cordialmente, é hoje a mulher do Dr. Joel Pressman, cirurgião de Los Angeles. Nasceu a 13 de Setembro de 1905 e vive em 615 N. Farring Road, Holmby Hills, Califórnia.

* * *

Por volta de 1914, entre os alunos do liceu de Figeac encontrava-se um rapazinho inteligente, estudioso, mas pouco expansivo, vivendo para os seus livros, estudando com afinco e com proveitosos resultados. Era Charles Boyer. Concluído o liceu, tira o bacherelato na Universidade de Toulouse e depois, na Sorbonne, prepara-se para a licenciatura em filosofia. Mas o teatro, que já em garoto o tentava de verdade, vence gloriosamente a filosofia. Boyer entra para o conservatório, ingressando no curso de Raphael Duflos. Ainda aluno, aparece ao lado de Simone na peça «La Jeune Fille aux joues roses», em que passa pouco menos que despercebido. Continua no Conservatório, e certo dia, alguem, conhecendo a sua memória prodigiosa, pede-lhe para substituir Romouald Joubé, momentaneamente impossibilitado de comparecer na peça «Aux Jardins de Murcie». Desta vez o êxito é esmagador. De tal natureza foi que Gémier o chama para a seu teatro e lhe faz representar «La Grande Pastorale», «Les Mille et Une Nuits» «La Branche Morte», «Koenigsmark», «La Bataille», no papel que mais tarde viveria no cinema.

O seu prestígio é enorme. E vem então a época triunfal do Gymnase, que o acredita como um dos maiores actores de França, fazendo «La Galerie des Glaces», «Le Venin», com Gaby Morlay, «Le Secret» ao lado de Simone, Gaby Morlay e Pierre Blanchar, seu companheiro de conservatório, o famoso «Mélo», de novo com Gaby Morlay e Blanchar.

Entretanto o cinema espreita a carreira teatral de Charles Boyer. E êle, que aparecera já em alguns filmes mudos sem grande importância, interpreta em Berlim «Barcarole», com Simone Cerdan, que o Condes exibiu em 1932. A América, que resolvera fazer as famosas versões estrangeiras dos seus melhores filmes, contrata-o principescamente, fazendo-lhe interpretar as versões francesas do «Processo de Mary Dugan» e «Big House». Volta á Europa para aparecer em «Traição», o primeiro filme que o satisfaz. E o duelo América-Europa começa. Charles Boyer aparece ora em filmes europeus, ora em produções americanas. Entre os primeiros contam-se «I. F. 1 não responde», «A Imperatriz e Eu», «Veneno», «Liliom», «O Gavião», o famoso «Meyerling».

Nos Estados Unidos aparece em «Caravana», «Mundos Intimos», com Claudette Colbert, «Ele e Ela», «Maria Waleska», com Greta Garbo, «Ladrão de uma Noite», «O Jardim de Allah», «Tovarich».

Charles Boyer, nascido em Figeac a 8 de Agosto de 1899, é casado com Pat Patterson, que deixou o cinema para se dedicar ao marido. É um dos mais bem pagos actores de cinema, trabalhando á razão de 150 mil dolares por filme. Ganha anualmente cinco vezes mais que o Presidente Roosevelt e vive numa casa em Beverly Estates, 9955, que lhe custou duzentos mil dolares. - *J. DE CASTRO*

Animatógrafo

DIRECTOR: … IO LOPES … IBEIRO



FELIZ 1941!

Eis o desejo de «Animatógrafo», que não se cansa de o manifestar. Por isso pediu a Ann Rutherford, da M. G. M., que tirasse as barbas e o bigode de Pai Natal e mostrasse, no limiar do ano que começa, o seu mais lindo sorriso aos nossos leitores.

Obrigado, Ann!